

A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO
DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haught
James E. Faust

COMITE DE
SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee
EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE
M. Russell Ballard

Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista
EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

Janeiro 1980 PBMA061APO
S. Paulo, Brasil

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 2 Mensagem da Primeira Presidência:
Andar em Obediência aos Mandamentos, N. Eldon Tanner
- 4 Doutrina e Convênios: **A Voz do Senhor**, Neal A. Maxwell
- 8 Perguntas e Respostas, Roy W. Doxey
- 10 Linha Sobre Linha, James B. Allen
- 16 Pedra ou Pão, Francine Bennion
- 20 O Senhor Proverá, Jacob Hamblin
- 23 Continue Aprendendo, Marion D. Hanks
- 25 Mestres Familiares em um Terremoto, H. Bruce Bowman
- 27 Meu Próprio Filme, Dan Lindstrom
- 30 Uma Questão de Escolha, Chris J. Henderson
- 32 Missionário na Colina do Areópago, Kirk P. Lovenbury
- 34 Se os Homens Jamais se Aventurassem no Desconhecido,
o Mundo Não Faria Progressos, Royden G. Derrick
- 37 Preocupação Com o Indivíduo, Um Princípio de Liderança,
William G. Dyer
- 40 Toda Gente Precisa de uma Winnie, R. Bruce Lindsay
- 41 Segui os Irmãos, Boyd K. Packer
- 47 Dois Líderes da Igreja Chamados Para Presidentes de Templos
- 48 O Total de Horas no Tempo..., Richard L. Evans

SEÇÃO INFANTIL:

- 1 De Amigo Para Amigo, Marion G. Romney
- 3 ...E as Estrelas Cairam, Iris Syndergaard
- 7 Minha Amiga Rena, Jennifer R. Grant
- 8 Só Para Divertir
- 10 O Reserva
- 12 Ler, Um Privilégio Sagrado, Spencer W. Kimball

NOTÍCIAS LOCAIS

- I O Presidente Kimball dedica o Jardim Memorial Orson Hyde, em Jerusalém
- II Líderes Visitam o Brasil
- V 100.000 Membros no Brasil
- VI Duas Pioneiras da Igreja em Londrina
- VII Meu Testemunho
- VIII A Conferência Mundial de Registros de 1980

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoetra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubú, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.



Mensagem da Primeira Presidência

Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro
na Primeira Presidência

ANDAR EM OBEDIÊNCIA A

“**E** todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o umbigo e medula para os ossos;

E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.

E Eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará.” (D&C 89:18-21.)

Esta é uma das promessas mais completas que o Senhor nos deu, e quem não gostaria de receber tão grandes bênçãos? Sempre pensamos nesta promessa em relação à Palavra de Sabedoria, mas notem que o Senhor diz “obedecendo aos mandamentos”, o que inclui todos os mandamentos.

Algumas pessoas dirão que isso é esperar demais. Mas, se pararmos para pensar nas recompensas da obediência e nas penalidades da desobediência, certamente não deixaremos de dizer que preferimos a felicidade à miséria. Temo que, com muita frequência, desobedeçamos e procuremos satisfazer nossos prazeres e desejos mundanos por crermos que podemos escapar ao julgamento e às penalidades, que nem sempre são imediatos, esquecendo-nos das grandes bênçãos e promessas que obteríamos através da obediência.

É muito importante que nos preparemos para as coisas que acontecerão em nossa vida. Devemos encarar o futuro

com otimismo e confiança. Nada podemos obter remoendo o passado ou as coisas que deveríamos ter realizado, mas não fizemos. Ao invés disso, precisamos decidir que, deste momento em diante, corrigiremos nossos erros, nos arrependemos e iremos adiante, determinados a obedecer aos mandamentos, o que pode, apenas, tornar-nos mais felizes, mais amados e respeitados, alcançando mais sucesso em qualquer empreendimento.

Olhemos para o passado somente para ver onde cometemos erros e em que devemos melhorar. Quando nos tornamos satisfeitos com aquilo que realizamos, começamos a deteriorar. Ou nós progredimos ou regredimos. Não cometamos o mesmo erro daquele pedreiro que, num alto andaime, deu alguns passos para trás para admirar seu trabalho.

Quando fazemos uma retrospectiva, devemos perguntar: Alcancei o progresso que deveria? Trabalhei realmente para alcançar minhas metas? Se nossa resposta não for afirmativa, devemos decidir melhorar a partir desse momento. Devemos fazer planos precisos para estabelecer novas metas, traçando um curso pelo qual elas poderão ser alcançadas e tendo sempre em mente que a vida eterna deve ser a realização máxima de cada um de nós.

O evangelho nos oferece o único caminho para a vida eterna e, quando aceito, inicia-se uma nova era na vida. O glorioso princípio do arrependimento torna possível a cada um de nós nascer novamente e seguir adiante com o conhecimento de que nossos pecados estão perdoados, podendo lutar por aquela perfeição que trará a recompensa prometida.

A AOS MANDAMENTOS

É-nos dito: “Arrependei-vos, pois que, a menos que o façais, não podereis de modo algum herdar o reino dos céus.” (Alma 5:51.)

Ao estabelecermos nossas metas, sempre tendo em mente nosso objetivo máximo, podemos perguntar-nos o seguinte: Que tipo de pessoa sou? Que tipo de pessoa gostaria de ser? O que estou fazendo para conseguir isso, e o que me impede de ser esse tipo de pessoa?

O Presidente Joseph F. Smith nos deu o seguinte conselho:

“Conquistemos a nós mesmos em primeiro lugar, e depois, tanto quanto pudermos, conquistemos todo o mal que nos rodeia. E o façamos sem usar violência; sem interferir no livre arbítrio do homem, mas através de persuasão, longanimidade, paciência, bondade e amor sincero, os quais nos ajudarão a conquistar os corações, a amizade e as almas dos filhos dos homens para a verdade que Deus nos revelou. Nunca teremos paz, justiça ou verdade, enquanto não procurarmos esses requisitos na única e verdadeira fonte, e os recebermos da Fonte principal.” (*Doutrina do Evangelho*, p. 230.)

“Que cada homem viva de modo que seu caráter resista à mais minuciosa inspeção, e que possa ser visto como um livro aberto, nada tendo de que se esconder ou envergonhar-se. Que todos os homens elevados a posições de confiança na Igreja vivam de maneira que ninguém possa apontar suas faltas, porque eles não têm faltas; que nenhum homem possa, justamente, acusá-los de erros, porque eles não cometem transgressões; que ne-

nhum homem aponte seus defeitos como ‘humanos’ e como ‘fracos mortais’, porque eles vivem de acordo com os princípios do evangelho e não são meramente ‘fracas criaturas humanas’ destituídas do Espírito de Deus e do poder de viver acima do pecado. É desta maneira que todos os homens devem viver no reino de Deus.” (*Conference Report*, outubro de 1906, pp. 8-9.)

O tempo é agora. Este é o dia, a hora, o momento para cada um de nós resolvermos proceder, no futuro, melhor do que fizemos no passado.

“Que cada homem adquira por si mesmo o conhecimento de que esta obra é verdadeira... E que cada pessoa diga: ‘Viverei minha religião... Andarei em humildade diante de Deus e serei honesto com meus semelhantes.’” (Brigham Young, *Journal of Discourses*, vol. 8, p. 142.)

Que cada um de nós possa ter um futuro mais feliz, mais brilhante e mais significativo, com o amor e a paz transbordando em cada coração e em cada lar.

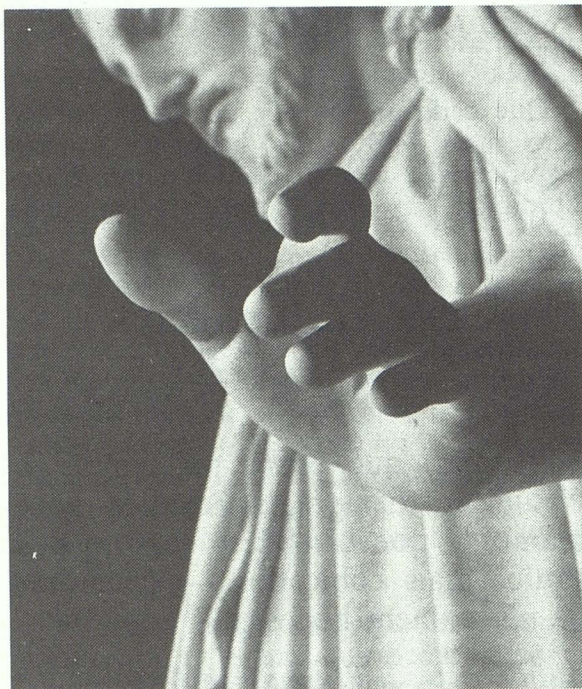
“Espero que possa ter sempre a virtude e firmeza suficientes para manter o que considero ser um dos títulos mais cobiçados — o caráter de um homem honesto.”

Thomas Jefferson

DOCTRINA E CONVÊNIOS: A VOZ DO SENHOR

Elder Neal A. Maxwell

Da Presidência do
Primeiro Quorum dos Setenta



A maioria dos indivíduos, se lhes perguntassem qual o livro de escrituras que proporciona a maior oportunidade de “ouvir” o Senhor falando, pensaria, primeiramente, no Novo Testamento. O Novo Testamento é uma coleção maravilhosa de feitos e de muitas das doutrinas do Messias. Mas é no livro de Doutrina e Convênios que encontramos um tesouro de verdades que vem diretamente do Senhor Jesus Cristo. Quase podemos “ouvi-lo” falar.

Ninguém pode ouvir palavras diretas como essas da seguinte revelação de 1831, sem sentir em seu íntimo a majestade e o poder do Senhor:

“Assim diz o Senhor vosso Deus, mesmo Jesus Cristo, o Grande Eu Sou, Alfa e Ômega, o princípio e o fim, Aquele que olhou por sobre a vasta extensão da eternidade, e sobre todas as hostes seráficas dos céus, antes que o mundo fosse feito;

Aquele que conhece todas as coisas, pois todas as coisas estão presentes diante dos meus olhos;

Eu sou o mesmo que falei, e o mundo foi feito, e todas as coisas por mim se fizeram.

Sou quem arrebatou a Sião de Enoque para o meu próprio seio; e na verdade, eu digo, mesmo tantos quantos creram em meu nome, pois eu sou Cristo, e em meu próprio nome, em virtude do sangue que derramei, intercedi por eles diante de meu Pai.” (D&C 38:1-4.)

Desde as primeiras linhas de Doutrina E Convênios, vemos em Jesus Cristo, um Deus preocupado, embora onipotente, falando a “todos os homens”:

“Escutai, ó povo da minha igreja, diz a voz daquele que habita no alto e cujos olhos estão sobre todos os homens; sim, na verdade vos digo: Escutai, ó povo de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente.” (D&C 1:1.) O Senhor continua, declarando que “ninguém há de escapar” à “voz de adver-

tência... a todos os povos, pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias.” (D&C 1:2, 4.)

Desde a primeira palavra do livro, *escutai*, até o último *ouvi*, nos versículos finais do livro, vemos um Senhor suplicante que termina com:

“Agora, portanto, atendei, ó povo da minha Igreja; e vós, élderes, ouvi juntamente; vós recebestes o meu reino.

Sede diligentes em guardar todos os meus mandamentos, para que julgamentos não vos sobrevenham, e vossa fé não vos falhe, triunfando sobre vós os vossos inimigos. Nada mais por agora. Amém e Amém.” (D&C 136:41-42.)

Literalmente, em centenas de versículos, o Senhor fala de uma forma direta que quase não tem paralelos. Podemos ver um Senhor onisciente e onipotente, ensinando com ternura a Oliver Cowdery os fundamentos da revelação (ver D&C 9.) Ouvimos Jesus de Nasaré, que sofreu intensamente — além de nossa capacidade de compreensão — confortando um sofrido Joseph Smith:

“Meu filho, paz seja com tua alma; tua adversidade e tuas aflições serão por um momento.” (D&C 121:7.)

“Se as próprias mandíbulas do inferno escancararem sua boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.” (D&C 122:7.)

Como podemos deixar de ver Jesus Cristo não apenas como nosso Senhor, mas também como nosso Amigo Eterno?

Nosso Amigo é franco conosco sobre o que irá acontecer: recebemos não apenas uma grande visão dos três graus de glória, mas também uma dose de terror em relação aos eventos finais que antecederão sua Segunda Vinda — incluindo flagelos, durante os quais olhos cairão “das órbitas”. (D&C 29:19.)

O Senhor nos recorda que fez profecias precisas, antes: “Eis que te digo

estas coisas, assim como preveni o povo acerca da destruição de Jerusalém; e minha palavra será verificada agora, como o tem sido até aqui.” (D&C 5:20.)

Não vemos apenas o Salvador inspecionando as galáxias, mas vemo-lo olhando para o coração de Oliver Cowdery (D&C 6:22) e estabelecendo alguns dos desafios pessoais de Sidney Rigdon: “E agora, eis que, na verdade, vos digo que eu, o Senhor, não estou satisfeito com meu servo Sidney Rigdon; ele exaltou-se a si mesmo em seu coração e não recebeu conselho, mas ofendeu ao Espírito.” (D&C 63:55.)

Assim, de muitas formas, Doutrina e Convênios é o equivalente moderno da forma direta usada no Sinai, onde o dedo do Senhor escreveu sobre duas placas de pedra. (Êx. 31:18.) Doutrina e Convênios não apenas estabelece diretamente certos convênios, mas também nos ensina sobre a Outra Parte (o Senhor) envolvida nesses convênios. No episódio do manuscrito perdido, do Livro de Mórmon, vemos a atuação recíproca do arbítrio do homem (com nossa liberdade de errar) e da visão perfeita de um Senhor amoroso, que estava pronto com uma alternativa, uma vez que a lição tivesse sido aprendida. (Ver D&C 10.)

Vemos um quadro do Salvador, que tudo sabe, que se importa com tudo e que apóia os seus. Tal quadro contrasta agudamente com a descrição que Alma faz de Lúcifer: “E assim vemos o fim daquele que perverteu os caminhos do Senhor; e vemos também que o diabo não protege seus filhos no último dia, mas arrasta-os rapidamente para o inferno.” (Alma 30:60; *itálicos acrescentados.*)

O Salvador sempre apóia seus profetas. Mas ainda, embora apoiando seu servo Joseph Smith, a quem amava, não o poupou: “E agora te ordeno, meu servo Joseph, que te arrependas e andes mais retamente diante de mim, não mais cedendo às persuasões dos homens.” (D&C 5:21.)

Assim como o Senhor alertou os primeiros discípulos sobre seu futuro martírio, também prometeu ao Profeta Joseph Smith, quinze anos antes de seu assassinio, que se permanecesse firme na obediência aos mandamentos, receberia a vida eterna, “ainda que sejas morto”. (D&C 5:22.)

Nas revelações altamente pessoais do Profeta Joseph Smith, podemos perceber o processo de explicações sendo aplicado.

“Eis que tu sabes que me inquiriste e que iluminei a tua mente; e agora te digo estas coisas para que saibas que foste iluminado pelo Espírito da verdade;

Sim, digo-te isto para que saibas que não há ninguém, a não ser Deus, que conheça os teus pensamentos e os intentos do teu coração.

Digo-tê estas coisas para que te sejam como um testemunho de que o trabalho ou as palavras que escreveste são verdadeiras.” (D&C 6:15-17.)

Ao mesmo tempo que revela o poder dos pronunciamentos diretos e da personalidade do Salvador, Doutrina e Convênios nos apresenta verdades imensas, que talvez não sejam totalmente apreciadas, se não forem lidas cuidadosamente. Somos informados, por exemplo, sobre o que deve ter sido uma das primeiras leis do universo — que recebemos as bênçãos com base na obediência à lei. (Ver D&C 130:20-21.)

Vemos um Senhor que deseja um povo humilde, mas não extremamente dependente no momento de tomar decisões; que encoraja os membros do Acampamento de Sião a usarem seu próprio critério quanto ao modo ou rotas de viagem, pois, naquela circunstância, não fazia diferença para o Senhor. (Ver D&C 61:22.)

Quão maravilhosamente enternecedor é ver Cristo, que esteve preso à cruz por braços cansados e ensangüentados, dizer-nos a respeito de nosso dever para com os outros: “Ergue as mãos que pendem e fortalece os joelhos enfraquecidos.” (D&C 81:5.)

A perfeição é retratada nas páginas de Doutrina e Convênios — mas é uma perfeição súplice. Em algumas ocasiões, é uma perfeição imperativa: “Pois eu, o Todo-Poderoso, deitei minhas mãos sobre as nações para flagelá-las por suas iniquidades.” (D&C 84:96.) Em outras vezes, é uma perfeição que impressiona: o mesmo Jesus que séculos atrás elogiou o centurião por sua grande fé (ver Lucas 7:6-10), agora diz sobre Hyrum Smith: “Eu, o Senhor, o amo pela integridade de seu coração.” (D&C 124:15.)

Os padrões do Senhor iluminam todas as páginas. Um dos Dez Mandamentos, em sua forma original, diz: “Não comerás adultério.” (Êxodo 20:14.) Em Doutrina e Convênios, apropriadamente, foi acrescentado o aviso contra o adultério mental, dado por Jesus em seu ministério terreno na Terra Santa: “E aquele que olhar uma mulher para a cobiçar negará a fé e não terá o Espírito; e, se não se arrepender, será expulso.” (D&C 42:23.)

Encontramos admoestações aos pobres gananciosos: “Ai de vós, homens pobres, que não sois quebrantados de coração, cujos espíritos não são contritos, e cujas barrigas não estão satisfeitas, e cujas mãos não cessam de tomar posse dos bens de outros homens, cujos olhos estão cheios de cobiça, e que não trabalhais com vossas próprias mãos!

Mas, bem-aventurados os pobres que são puros de coração, cujos corações são quebrantados, e cujos espíritos são contritos, pois eles verão o reino de Deus vindo em poder e grande glória para o seu livramento; pois deles será a gordura da terra.” (D&C 56:17-18.)

Juntamente com admoestações de um Senhor amoroso, encontramos palavras de elogio divino a Edward Partridge (na seção 41), quando o Senhor o compara ao Nataniel da antigüidade. Vemos também esperança em meio a nossas fraquezas; após este grande elogio, o Senhor admoestou e orientou, com precisão, o bispo Partridge: “Nisto o meu servo

Edward Partridge não é justificado; contudo, que se arrependa e ser-lhe-á perdoado.” (D&C 50:39.)

Que ano maravilhoso deve ter sido 1831, quando foram recebidas revelações compreendendo trinta e sete seções de Doutrina e Convênios! Não se pode ler a seção 45, com suas elaborações sobre Mateus 24, sem apreciar o desejo do Senhor de que seus discípulos fossem adequadamente informados sobre os eventos — tanto os maravilhosos quanto os terríveis — que estão por vir.

Encontramos também a manifestação direta e gloriosa recebida pelo Profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery, no Templo de Kirtland, em 3 de abril de 1836:

“O véu foi retirado de nossa mente, e abertos os olhos do nosso entendimento.

Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob seus pés

um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai. (D&C 110:1-4.)

Na verdade, meditar sobre Doutrina e Convênios é saber que Joseph e Sidney falaram a verdade quando escreveram: “Este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!” (D&C 76:22.)

O leitor devoto deste volume divino e revelador aumentará seu testemunho e chegará mais próximo do Senhor do que jamais esteve!

O TESTE DO CINEMA

Dois religiosos estavam discutindo sobre as diversas desculpas que sempre são usadas como motivo para não se ir à Igreja. Decidiram usar essas mesmas desculpas, aplicando-as, a título de ilustração, a algo que a maioria das pessoas gosta de fazer, como ir ao cinema. Esta é a lista que resultou de toda a discussão:

1. Não vou ao cinema, porque seu proprietário nunca veio visitar-me.
2. Fui ao cinema algumas vezes, mas ninguém conversou comigo. As pessoas que o freqüentam não são muito amigáveis.
3. Sempre que vou ao cinema, pedem-me dinheiro.
4. Nem todas as pessoas que vão ao cinema levam uma vida de acordo com os padrões do filme.
5. Fui tanto ao cinema quando era criança, que agora acho que já tive toda a diversão necessária.
6. A exibição demora muito. Não consigo ficar quieto, sentado, por uma hora e meia.
7. Nem sempre concordo com o que vejo ou ouço nos filmes.
8. Acho que a música nem sempre é boa.
9. Geralmente os filmes são exibidos em horários em que tenho outras coisas a fazer em casa.

Você pode notar que essas desculpas são ridículas na maneira como foram empregadas. Na próxima vez que tiver vontade de faltar a uma reunião, use o “teste do cinema” em sua desculpa. Veja se ela ainda lhe parece suficientemente importante para justificar sua ausência.

(Extraído do Curso de Estudo do Seminário “Velho Testamento” - Manual do Professor)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

As respostas devem ser consideradas como auxílio e perspectiva, e não como pronunciamentos sobre a doutrina da Igreja.



Roy W. Doxey

“Uma vez que acreditamos em revelação moderna, ela é alguma vez escrita e publicada para conhecimento dos santos? Roy W. Doxey, Diretor de Revisão da Correlação.

Sua pergunta indica que você crê no que as escrituras e a nona Regra de Fé ensinam sobre revelação contínua.

Das obras-padrão da Igreja, Doutrina e Convênios contém a maioria das revelações recebidas durante a vida do Profeta Joseph Smith. Entretanto, nem todas as revelações escritas, recebidas pelo Profeta, estão incluídas em Doutrina e Convênios.

É preciso considerar a diferença entre a revelação formal (escrita, como em Doutrina e Convênios) e a informal (dada por inspiração, uma forma de revelação na palavra falada, que algumas vezes é publicada).

Somente o presidente da Igreja recebe revelação para toda a Igreja, e apenas sob sua direção podem outros profetas, videntes e reveladores receber o direito, o poder e a autoridade para declarar a mente e vontade de Deus a seu povo. Quando movidos pelo Espírito Santo, suas palavras tornam-se escritura.

Mas como o ouvinte ou leitor saberá que eles foram movidos pelo Santo Espírito? Pelo mesmo poder que deu a revelação. (Ver D&C 50:21-24.)

As instruções inspiradas da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze Apóstolos tornam-se escritura. Todas as quintas-feiras eles se reúnem no Templo do Lago Salgado, quando são tomadas decisões para o desenvolvimento do reino de Deus. A experiência do Elder John A. Widtsoe, antigo membro do Conselho dos Doze, ilustra um ponto importante. Ao lhe perguntarem quando tinha sido recebida a última revelação da Igreja, respondeu que, provavelmente, fora na última quinta-feira.

Outra ocasião em que é recebida inspiração, é a conferência geral, realizada duas vezes por ano.

Quem está familiarizado com os procedimentos das conferências gerais sabe que os santos dos últimos dias, que seguem os conselhos ali proferidos, encontram soluções que proporcionam sucesso na vida.

O Presidente Harold B. Lee disse o seguinte, em uma conferência geral da Igreja: “E vocês, santos dos últimos dias, acho que nunca assistiram a uma conferência em que durante três dias, tivessem ouvido declarações mais inspiradas sobre assuntos e problemas tão importantes como esses que os têm preocupado tanto. Se vocês querem saber o que o Senhor quer que os santos conheçam; se pretendem a orientação e direção para os próximos seis meses, procurem obter uma cópia dos pronunciamentos desta conferência, e assim terão a palavra do Senhor até onde lhes diz respeito, o mesmo acontecendo a todos os outros que não estão conosco, mas que creem que o que foi declarado será a vontade do Senhor, será a mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação. (D&C 68:4.) (Conferência Geral, outubro de 1973, p. 106.)

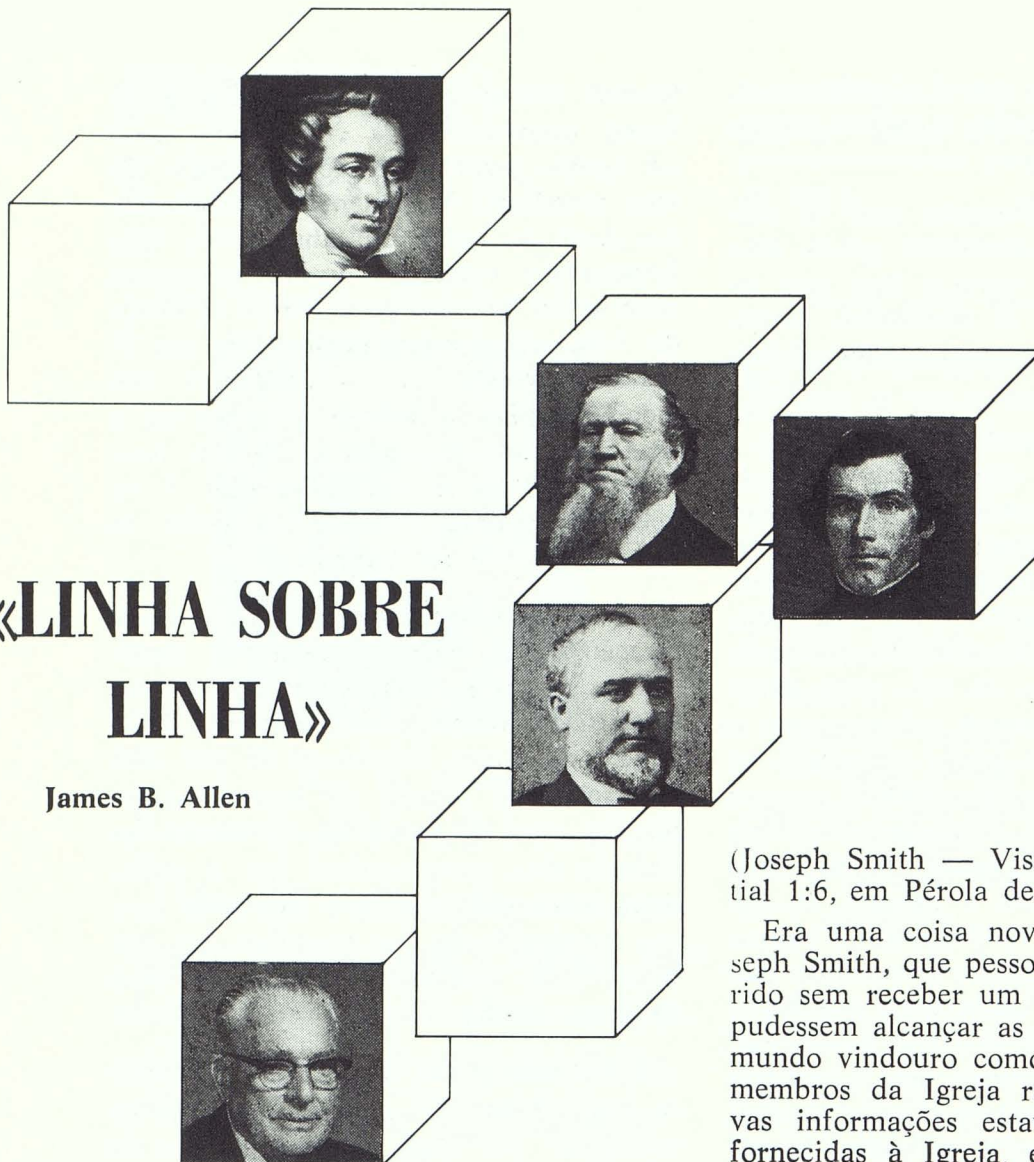
Uma das distinções que deve ser feita ao responder a sua pergunta é a aplicação da lei do consenso comum, para adição de um livro de escritura. Em outubro de 1880, por exemplo, a Pérola de

Grande Valor e Doutrina e Convênios foram apresentados à conferência geral da Igreja, para aceitação por parte de seus membros. Novamente, na conferência geral da Igreja em abril 1976, duas importantes revelações foram aprovadas para serem adicionadas à Pérola de Grande Valor. Este procedimento tem por finalidade receber a concordância dos membros para a adição de material a uma obra-padrão, assim como seu compromisso de viver esses princípios. A revelação é válida, independentemente da ação que possa ser tomada.

No tipo informal de revelação, a inspiração ou revelação é dada nas conferências gerais e também nos documentos oficiais divulgados pela Primeira Presidência da Igreja. Lembre-se de que uma revelação não precisa ser escrita ou publicada, para ser revelação. Os santos dos últimos dias compreendem que a verdadeira segurança na vida é alcançada através da obediência aos conselhos dos oráculos vivos, independentemente do meio de comunicação.

É necessário que uma revelação comece com “Assim diz o Senhor” ou “Uma revelação” ou “Ouvi e atendi a voz do Senhor”, como tantas revelações, em Doutrina e Convênios? Não, mas uma prova da revelação é o conselho dado pelo Senhor de procurar-se a confirmação do Espírito Santo. O mesmo Espírito que deu a revelação pode certificar ao membro fiel da Igreja de sua veracidade.

“O pai deve ser cheio de bondade e fazer tudo para tornar a mãe animada e feliz, a fim de que o coração dela seja confortado e sua confiança e seu amor para com seu protetor terreno não sejam prejudicados, para que seu amor a Deus e à retidão possam vibrar através de todo o seu ser, para que ela possa conceber e ter filhos dotados de todas as qualidades necessárias a um ser designado para reinar como rei dos reis e senhor dos senhores.”
(Journal of Discourses 8:62.)



«LINHA SOBRE LINHA»

James B. Allen

A história da Igreja revela como o Senhor tem continuamente aumentado o conhecimento e a compreensão de seu povo.

Na noite de 21 de janeiro de 1836, a Primeira Presidência da Igreja e o Patriarca, Joseph Smith, Sr., estavam realizando uma reunião especial à luz de velas, numa sala do Templo de Kirtland. Subitamente os céus se abriram e eles tiveram algumas visões magníficas. O Profeta Joseph Smith viu o reino celestial, e entre os habitantes daquele reino estava seu irmão Alvin, morto havia muito tempo. Isto surpreendeu o Profeta, que disse o seguinte: “Maravilhei-me de que ele houvesse recebido uma herança naquele reino, pois partira desta vida antes que o Senhor se dispusesse a reunir Israel pela segunda vez, e não fora batizado para remissão dos pecados.”

(Joseph Smith — Visão do Reino Celestial 1:6, em Pérola de Grande Valor.)

Era uma coisa nova, mesmo para Joseph Smith, que pessoas que tinham morrido sem receber um batismo autorizado, pudessem alcançar as mesmas bênçãos no mundo vindouro como aquelas que eram membros da Igreja restaurada. Mas novas informações estavam prestes a ser fornecidas à Igreja, e, enquanto o Profeta meditava sobre o que estava vendo, a voz do Senhor chegou a ele com estas palavras:

“Todos os que morrem sem um conhecimento deste evangelho, que o teriam recebido se lhes fosse permitido permanecer na terra, serão herdeiros do reino celestial de Deus.

Também todos aqueles que, deste dia em diante, morrerem sem ter tomado esse conhecimento, mas que o teriam recebido de todo seu coração, serão herdeiros desse reino.

Pois eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, conforme os desejos de seus corações.” (Joseph Smith, Visão do Reino Celestial, 1:7-9.)

Anos mais tarde, outro profeta, o Presidente Joseph F. Smith, meditava nas escrituras relativas à expiação. Nessa época, a Igreja já compreendia bem o

princípio da salvação pelos mortos, mas ainda faltavam informações concernentes à missão do Salvador no mundo espiritual, imediatamente após sua morte. O Presidente Smith estivera pensando como o Senhor poderia ter pregado a *todos* os espíritos em prisão, no curto período em que lá estivera. “E enquanto me maravilhava”, disse ele, “os meus olhos foram abertos, e o meu entendimento aclarado, e compreendi que o Senhor não foi em pessoa entre os iníquos, entre os desobedientes que rejeitaram a verdade...”

Mas eis que, dentre os justos, organizou suas forças e designou mensageiros.” (Joseph F. Smith, *Visão da Redenção dos Mortos* 1:29-30.)

Estas duas experiências representam um dos conceitos mais fundamentais do evangelho restaurado: o da revelação moderna, contínua, através de profetas vivos. O Senhor disse que “ao fiel ele dará linha sobre linha, preceito sobre preceito”. (D&C 98:12.) Brigham Young disse aos santos que conhecimento e compreensão chegam devagar, e que nenhuma das revelações descortinou *tudo* sobre um assunto. Disse:

“Estou tão longe de acreditar que qualquer governo, nesta terra, tem constituições e leis perfeitas, que nem mesmo creio que haja uma única revelação, entre as muitas que Deus deu à Igreja, que seja perfeita em sua plenitude.

As revelações de Deus contêm doutrinas e princípios corretos, até onde elas nos chegam; mas é impossível que os pobres, fracos, inferiores, abjetos e pecadores habitantes da terra, recebam uma revelação do Todo-Poderoso em todas as suas perfeições. Ele tem que falar conosco segundo nossa capacidade de receber.” (*Journal of Discourses*, 2:314.)

Nosso conhecimento da história da Igreja sugere que tem mesmo sido assim. Quando os santos estão preparados para receber nova revelação, ela lhes é dada, e, à medida que os programas da Igreja necessitam de modificações para enfrentar desafios novos, o Espírito orienta os profetas para que as mesmas sejam instituídas. O desenvolvimento histórico de algumas práticas e ensinamentos-chave da Igreja, mostra como esse processo continua.

Historicamente, a maioria das mudanças está ligada a certas práticas, procedimentos e deveres administrativos materiais. Essas mudanças podem ser particularmente notadas nos anos mais recentes, relacionadas às necessidades de uma Igreja que cresce rapidamente e se torna cada dia mais internacional. Joseph Smith previu isso já em 1842, quando observou que “aquilo que é errado em uma circunstância, pode ser, e geralmente é, certo em outra”. (*History of the Church*, 5:135.) O Élder Orson Pratt, do Conselho dos Doze, disse bem em 1877, quando a Igreja estava aperfeiçoando alguns aspectos de sua organização: “Dizer que haverá um tempo determinado, na história desta Igreja, no decurso de suas imperfeições e fraquezas, em que a organização será perfeita, não havendo mais ampliações ou acréscimos na organização, seria um erro. A organização deve prosseguir, passo a passo, de uma etapa a outra, assim como as pessoas aumentam e crescem em conhecimento dos princípios e leis do reino de Deus.” (*Journal of Discourses*, 19:12.)

Em 1962, o Élder Harold B. Lee, então membro do Conselho dos Doze, usou um exemplo desse princípio, muito prático e moderno. “Às vezes é muito interessante observar a reação das pessoas”, comentou. “Lembro-me de quando o Presidente McKay anunciou à Igreja que os membros do Primeiro Conselho dos Setenta estavam sendo ordenados sumos sacerdotes, para que fosse aumentada sua utilidade, e para que tivessem autoridade para agir quando nenhuma outra Autoridade Geral estivesse presente. Fui a Phoenix, no Arizona, e encontrei um Setenta que estava muito perturbado. Ele me disse: “O Profeta Joseph Smith não afirmou que era contrário à ordem do céu nomear sumos sacerdotes como presidentes do Primeiro Conselho dos Setenta, quando eram nomeados no começo?”

“E eu disse: Bem, eu tinha entendido que ele fez essa afirmação, mas você já pensou que aquilo que era contrário à ordem do céu em 1840, talvez não seja contrário à ordem do céu em 1960?” Pois bem, ele não tinha pensado nisso. Ele... estava seguindo um profeta morto e estava esquecendo que existe um profeta vivo hoje. Eis porque é importante sa-

lientarmos a palavra “vivo”. (“The Place of the Living Prophet, Seer and Revelator”, discurso proferido ao Seminário e Instituto, na Universidade de Brigham Young, em julho de 1964.)

O que é importante que os santos compreendam, não é apenas que aconteçam mudanças e ampliações, pois isso parece óbvio, mas também que as mudanças são feitas pelo profeta vivo ou sob sua orientação. Esta é a aplicação prática do princípio de revelação contínua.

A doutrina da coligação ilustra a afirmativa do Profeta Joseph Smith de que o que é certo em uma circunstância talvez não o seja em outra. Nesse caso, não estava envolvido nenhum princípio doutrinário básico. Era o Senhor dando instruções especiais a seus santos, segundo as necessidades e circunstâncias da época. Assim é a revelação contínua.

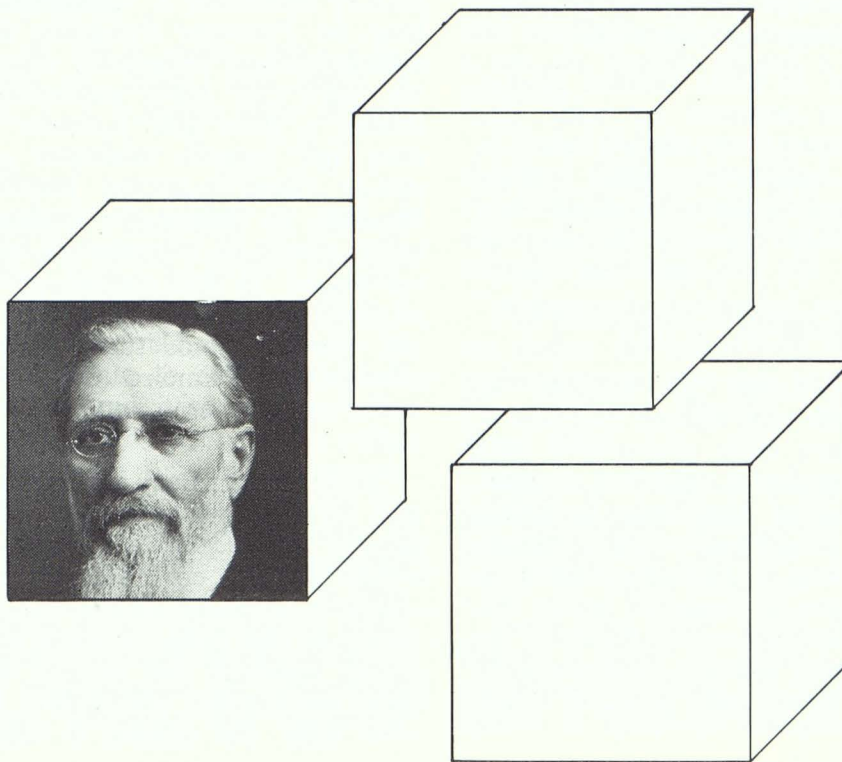
As primeiras revelações a Joseph Smith estavam cheias de ordens para os santos se reunirem na terra de Sião, e, particularmente, na sede da Igreja. A edificação do reino, escreveu em 1840 a Primeira Presidência, requeria “a concentração dos santos, para a realização de obras de magnitude e grandeza... e qualquer pessoa desejosa de promover a ver-

dade e a retidão é igualmente zelosa da coligação dos santos”. (*History of the Church*, 4:185-86.)

Entre outras coisas, isto levou à organização de um programa de emigração sistemática, intensificada depois que a sede da Igreja se mudou para Utah. “Emigrem o mais rapidamente possível para esta região”, ordenou o Conselho dos Doze aos santos europeus, em 1847. Foi-lhes dito que levassem tudo o que pudesse contribuir para a edificação da nova comunidade de santos no oeste.

Após este conceito ter sido ensinado tão poderosamente a duas ou mais gerações, a coligação tornou-se quase uma segunda natureza — especialmente para os santos da Europa. Mas, no final da década de 1890, as circunstâncias principiaram a mudar. A Igreja estava mais segura no oeste. O reino tinha sido fortalecido em sua nova localização, os dias dos pioneiros já haviam passado, e o desafio, agora, era edificar Sião — o “puro de coração” — em todo o mundo. Isto foi, claramente, a maior missão da Igreja, desde o princípio.

Estas e outras considerações, indubitavelmente levaram os líderes da Igreja a ponderar em oração o que deveria ser feito. Em 1898, George Q. Cannon, mem-



bro da Primeira Presidência, anunciou que os santos, em várias terras, estavam sendo aconselhados a “permanecer sossegados por um tempo; a não ficarem ansiosos de abandonar seus lares e reunir-se em Sião”. (CR, out. 1898, p. 4.) No ano seguinte, concluiu-se que não mais era aconselhável que eles se reunissem, mesmo que o fizessem às suas próprias custas.

A mudança no sistema foi rapidamente instituída. A Igreja passou a fornecer sedes mais permanentes nas missões e a construir mais capelas, como meio de encorajar os conversos a permanecerem em seu próprio país. “Não os aconselhamos a emigrar”, disse o Presidente Joseph F. Smith aos santos suecos, em 1910. “Preferiríamos que permanecessem até que estejam bem estabelecidos no evangelho e na fé.”

E em 1958, três presidentes de missão, na Europa, divulgaram um editorial no *Der Stern*, redigido com palavras bem positivas, que ressaltava a necessidade de edificar Sião em outras terras:

“Não deixamos de pregar a Coligação da Casa de Israel. Ainda aconselhamos

todos os povos a saírem da Babilônia espiritual, que significa sair da escuridão espiritual. Ainda estamos coligando os filhos da luz. Ainda estamos reunindo a Israel dispersa. Mas não mais recomendamos que emigrem para a América. Pelo contrário, dizemos aos santos exatamente o que o Senhor requer, ou seja, que se edifiquem as estacas de Sião e aumentem as fronteiras de seu reino...

Acreditamos que Deus dirige sua Igreja através das palavras dos profetas. As condições do mundo sofreram uma mudança completa, e precisamos adaptarnos à nova situação.”

Essas evoluções são facilmente compreendidas, quando colocadas no contexto histórico. Outras não estão assim claramente ligadas a eventos históricos específicos, mas sua história revela um desdobramento gradual de idéias, “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. (D&C 98:12.)

Por exemplo, é interessante observar que a compreensão SUD da natureza da Trindade também cresceu consideravelmente desde que a Igreja foi organizada, em 1830. Não havia dúvidas entre os

O QUE PODEMOS DIZER DO AGARRAMENTO E DAS CARÍCIAS?

O Élder Mark E. Petersen declarou o seguinte:

O homem realmente “viril”, dotado da verdadeira masculinidade, jamais é uma pessoa de sentimentos baratos. A garota que honra a sua feminilidade, nunca procura ser uma jovem vulgar.

Uma das piores coisas que podemos dizer do agarramento é que ele conduz à prática de carícias excessivas e indevidas. O ato de tomar uma pequena liberdade leva a outras. Um passo que damos no sentido de quebrar nossas barreiras defensivas conduz ao próximo, que será ainda mais ousado. Cada passo condiciona a mente a avançar um pouco mais. Se chegamos até aqui, por que não ir adiante? Geralmente esse passo adiante, ou as carícias excessivas e tomar certas liberdades pessoais, é algo definitivamente perigoso. Sempre existe a possibilidade de o casal vir a perder o controle dos sentimentos e ultrapassar os limites. É uma dinamite que pode explodir a qualquer momento. O Élder Petersen esclareceu ainda: As carícias excessivas sempre andam acompanhadas de certo grau de cobiça. Não importa como as considerem, elas são sempre um passo para baixo, e praticá-las é entregarem-se nas mãos do tentador.

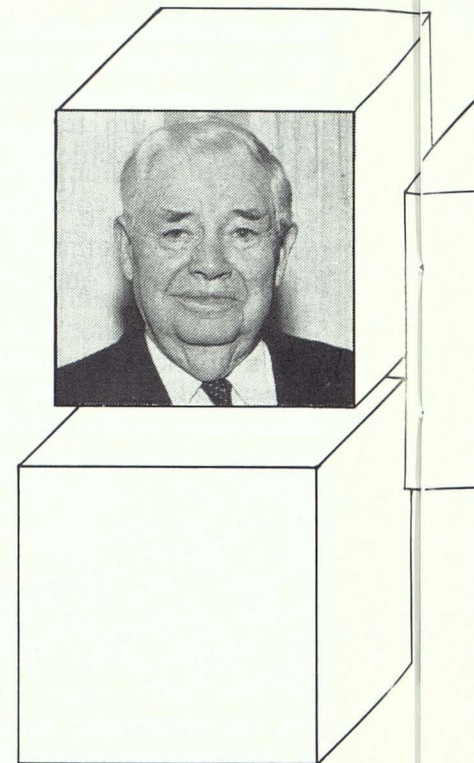
(Rox A. Skidmore, *Youth, Love and Marriage* (Salt Lake City: Deseret Book, Co., 1955, pp. 46-47.)

santos, desde o começo, de que Deus era um ser pesosal, ou que o homem tinha acesso direto a ele através da oração. Joseph Smith o tinha visto, assim como seu Filho, Jesus Cristo, em visão, anos antes da organização da Igreja.

Mas nos primeiros anos, poucos membros da Igreja estavam plenamente cientes da primeira visão de Joseph Smith, pois, a princípio, ele não deixou circular livremente qualquer relato a esse respeito. Somente em 1838, para corrigir "os muitos relatos divulgados por pessoas mal-intencionadas e ardilosas", preparou ele sua narração para ser publicada. (Joseph Smith, 2:1.) Conseqüentemente, como não foi feito qualquer esforço nos primeiros anos da história da Igreja para definir precisamente a natureza plena da Trindade, muitos conversos mantiveram algumas de suas velhas idéias sectárias. Ademais, essas idéias podem muito bem ter sido reforçadas por algumas afirmações, na primeira edição do Livro de Mórmon, que não distinguiam claramente o Pai do Filho.

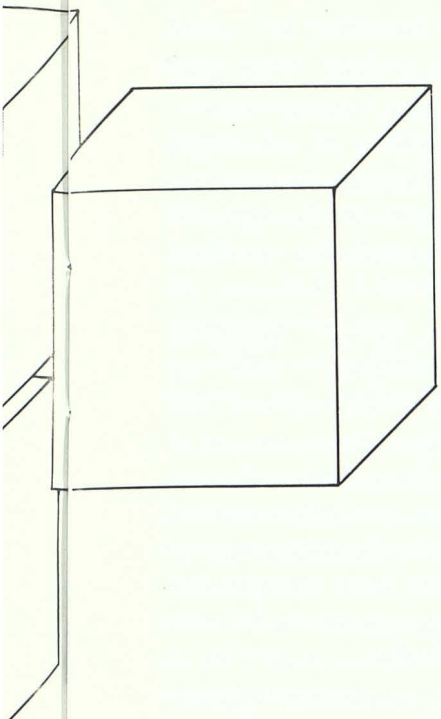
Muitas passagens na primeira edição do Livro de Mórmon claramente identificavam o Salvador como o Filho de Deus. Mas versículos isolados ainda não eram totalmente entendidos por alguns, e ficaram sujeitos a equívocos. Em 1916 a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze divulgaram uma exposição doutrinária, cuidadosamente redigida, intitulada *O Pai e o Filho*. Esta exposição claramente identifica as várias maneiras em que o termo *Pai* pode ser usado nas escrituras, especialmente com referência a Jesus Cristo, ajudando, assim, todos os que estavam inclinados a um engano.

A edição de 1835 de Doutrina e Convênios incluía uma importante, embora não oficial, declaração das crenças da Igreja, conhecida como as *Dissertações Sobre a Fé* (Lectures on Faith). Nessa ocasião, Joseph Smith não tinha anunciado qualquer revelação esclarecendo se o Pai tinha um corpo físico de carne e ossos, ou sobre a natureza do Espírito Santo, e, conseqüentemente, a quinta dissertação continha uma descrição incompleta da Trindade, que talvez não fosse compreendida pelos membros da



Igreja hoje. Entretanto, Joseph Smith, sem dúvida alguma, continuou a meditar e a orar sobre esta e muitas outras questões. Não sabemos precisamente quando ele recebeu nova revelação sobre este assunto, mas em 2 de abril de 1843, ele deu alguns importantes "itens de instrução" em Ramus, Illinois, que estabeleciam, com maior clareza do que em qualquer outra ocasião anterior, a natureza da Trindade, e, particularmente, do Espírito Santo. Essas instruções mais tarde se tornaram parte de Doutrina e Convênios: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. Se assim não fora, o Espírito Santo não poderia habitar em nós." (D&C 130:22.)

Um ano mais tarde, Joseph Smith proferiu um de seus mais famosos discursos sobre a natureza de Deus. Aqui ele deu aos santos uma nova visão, explicando que Deus, o Pai "já foi como somos agora", e que agora ele é "um homem exaltado... O primeiro princípio do evangelho é conhecermos com toda certeza o caráter de Deus e saber que podemos fa-



lar com ele, assim como os homens falam uns com os outros, e que ele já foi um homem como nós; sim, que o próprio Deus, o Pai de todos nós, habitou sobre uma terra, tal como o próprio Jesus Cristo o fez.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 336-37.)

Assim, pouco mais de dois meses antes de sua morte, Joseph Smith continuava a esclarecer muitas coisas para os santos, estabelecendo o alicerce para a extensa compreensão que eles têm hoje da Trindade.

Estes são apenas alguns exemplos, mas são suficientes para ilustrar o fato de que o entendimento dos santos dos últimos dias, tanto individual como em grupo, cresce “linha sobre linha” através dos anos. Algumas mudanças aparentes estiveram ligadas a circunstâncias históricas específicas. Outras refletem sutilezas que acontecem, quando os líderes da Igreja examinam os problemas e procuram uma compreensão maior através da revelação.

As idéias e sistemas da Igreja obviamente não sofrem estagnação. A porta está aberta aos profetas de cada geração,

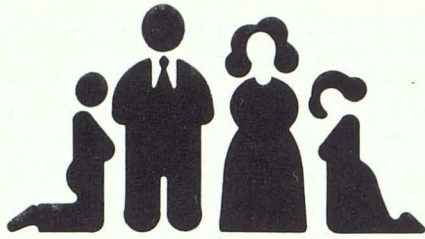
a fim de que busquem novas visões e diretrizes do Senhor.

Joseph Smith sublinhou esta promessa, quando escreveu: “Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.” (Regras de Fé 9.)

Este conceito da natureza crescente da compreensão do evangelho tem sido acompanhado de extrema precaução, pois os líderes da Igreja compreendem muito bem o perigo de sermos “levados em roda por todo o vento de doutrina”. (Efésios 4:14.) Apesar de desenvolvimentos como os que acabamos de descrever, certas verdades simples e princípios fundamentais permanecem constantes. Eles incluem fé na divina missão e expiação literal de Jesus Cristo; crença no poder e autoridade do sacerdócio, como restaurado através de Joseph Smith, e na necessidade da autoridade do sacerdócio para administrar as ordenanças essenciais à salvação; crença na autenticidade do Livro de Mórmon e nas visões e revelações do Profeta Joseph Smith; e, naturalmente, a convicção da revelação divina contínua, presente na Igreja.

Devemos ter em mente que apenas o Presidente da Igreja, o Sumo Sacerdote Presidente, é apoiado como Profeta, Vidente e Revelador da Igreja, autorizado a anunciar novas revelações. Como o Presidente J. Reuben Clark, Jr. lembrou aos professores do Seminário e Instituto de Religião da Igreja, em 1954: somente o profeta “tem o direito de receber revelações para a Igreja, sejam novas ou corretivas, ou de fornecer interpretações das escrituras que sejam concernentes à Igreja, ou de mudar, de qualquer forma, as doutrinas da Igreja já existentes”.

Parte da vantagem que se tem, estudando a história, está na confirmação que se recebe da natureza evolutiva e crescente da Igreja, de seus programas, seus ensinamentos, e da realidade da revelação contínua. Os santos dos últimos dias não se devem surpreender se, no futuro, tivermos novos desenvolvimentos. Eles terão apenas que perguntar a si mesmos: Afinal de contas, não é isto a própria essência da religião revelada?



PEDRA OU PÃO?

Francine Bennion

JESUS NOS DÁ UMA PARÁBOLA DE CONFORTO NAS OCASIÕES EM QUE SUPLICAMOS UMA RESPOSTA.

Minha filha tinha uns cinco anos, quando um dia olhou pensativamente para a avó e disse: “Vovó, você tem mesmo os pés grandes.”

— É, eu sei, Lina — replicou a avó — mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

— Mas há, sim — respondeu Lina.

— O quê?

— Você pode orar.

Lina queria saber por que sua avó não tinha orado sobre isso. Eu repliquei que a vovó não tinha considerado pés grandes um problema importante.

— Mas a gente ora só sobre coisas importantes? — perguntou.

— Podemos orar sobre qualquer coisa para a qual desejemos ajuda. Mas é melhor aprender a viver com algumas coisas, ao invés de pedir ao Pai Celestial que faça tudo do jeito que nós queremos.

— Por quê?

— Bem, aprender é bom. Além disso, você já pensou se duas pessoas quisessem que a mesma coisa fosse de tamanhos diferentes?

— É. Está certo.

Com seus tenros cinco anos, Lina conseguiu compreender, pelo menos em parte, um problema que muitos de nós ainda estamos tentando definir com maior precisão: O que Deus quer dizer, quando afirma: “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei.” (João 14:13.)

Mais especificamente, o que devemos esperar da seguinte passagem: “Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo. Mas, se não for correto não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento que te fará esquecer o que for errado.” (D&C 9:8, 9.)

Deus disse: “Pedi, e recebereis” (D&C 4:7), a muita gente, em muitas circunstâncias diferentes, e a mensagem parece ser que, se formos a Deus com um problema, ele nos ajudará a resolvê-lo.

Encontramos essa mensagem expressa claramente no sermão de Cristo sobre a oração, feito aos discípulos: “Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.” (Lucas 11:9.)

O Senhor, então, discute o puro amor do Pai Celestial por nós: “E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?”

Ou também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?

Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lucas 11:11-13.)

Esta escritura não apenas reconhece o desejo que nosso Pai Celestial tem de dar, mas também indica um problema que alguns de nós temos quanto à oração; pensamos que Deus nos está dando uma pedra — nenhuma resposta — quando o que estamos recebendo é pão não reconhecido. Estas escrituras nos dizem que

nosso Pai Celestial nos ama e nunca nos daria uma pedra.

Nós todos conhecemos pessoas que testificam que Deus responde as suas orações, que receberam ajuda em questões como onde encontrar uma carteira perdida, com quem casar-se, que profissões escolher, e como ensinar os filhos a conservarem seus quartos limpos. Elas prestam testemunho sobre auxílio direto diário, na resolução de seus problemas.

A menos que estejamos entre esse grupo assim abençoado, podemos sentir-nos desanimados, frustrados ou mesmo adquirir um sentimento de culpa diante de tais afirmações. Uma coisa que me ajudou muito foi compreender que o mandamento de “orar sempre” deve conduzir nosso comportamento, e que não existe uma cláusula correspondente que obrigue o Senhor a “responder sempre”. Se ele o faz, é porque lida de maneira diferente com cada um de nós.

Entretanto, quando alguém orou com toda sua alma, e mesmo assim não sente que haja recebido orientação sobre assuntos importantes, pode achar que sua fé não é suficiente; ou que Deus não quer ajudá-lo, ou que não pode ajudá-lo, ou ainda que ele não existe.

O relacionamento que cada um de nós tem com Deus, através da oração, é individual, e a experiência de uma pessoa não pode servir de modelo para todas as outras. Nossas necessidades diferem umas das outras, e, portanto, as respostas de Deus às orações nascidas de necessidades individuais, também são diferentes.

Tanto antes quanto depois do meu casamento, recebi mais ajuda através de oração, do que poderia mencionar, em questões pequenas e grandes, simples ou dramáticas.

No entanto, quando enfrentei a decisão mais importante de minha vida, não percebi nenhuma ajuda dele — nenhuma resposta, nenhuma assistência, nem mesmo qualquer sensação do seu espírito.

Conheci Bob quando estava no segundo ano da Universidade de Brigham Young. Sem ele, sentia-me sozinha entre uma multidão de amigos; mas com ele, reconhecia diferenças em nosso estilo de vida que poderiam trazer problemas em um casamento.

Quando Bob me pediu em casamento, não confiando em minha própria decisão, pedi a Deus que a confirmasse para mim. Com toda minha alma, pedi-lhe que fizesse “arder o meu peito”, se fosse certo casar-me com Bob, ou que sentisse um “estupor de pensamento”, se estivesse errada; mas não aconteceu nem uma coisa, nem outra. Achando que minha fé tinha sido insuficiente, reformulei a pergunta, indagando se era certo desmanchar o noivado; novamente, nada aconteceu.

Vinte e um meses depois de nos conhecermos, Bob e eu nos casamos no Templo de Alberta, sem ter recebido qualquer indicação reconhecível de que era certo o que estávamos fazendo, ou de que seria melhor não nos casarmos. Eu tomei minha própria decisão. Assumi o compromisso de um relacionamento com riscos e sem garantias, exceto as promessas que fizemos um ao outro diante das mais importantes testemunhas. Esse compromisso e essas promessas foram feitos por mim, e eu sei agora que precisava assumi-los, sem ser ordenada a fazê-lo.

Sei também que desejava que Deus tirasse todos os riscos do meu casamento, e esperava que ele garantisse um bom relacionamento com meu marido. Ao invés disso, Deus desejou que eu resolvesse os problemas e assumisse o compromisso. À medida que nos aproximávamos um do outro, Bob e eu passamos por aventuras, tristezas, crescimento, e também encontramos grandes alegrias. A maioria das pessoas precisa de uma resposta positiva quanto à escolha de seu cônjuge; eu necessitei de uma resposta de silêncio, de modo que pudesse crescer

nos pontos que mencionei. Minha situação provavelmente é muito rara. Na maioria dos casos, tenho certeza de que não seria prudente entrar no convênio eterno do casamento sem o testemunho sustentador do Santo Espírito.

Conheci outras pessoas que, como eu, não obtiveram resposta a suas orações em momentos de crise. São pessoas que tentam ser boas, que desejam ser boas, que pediram orientação ou auxílio com fé, em ocasiões em que se sentiram inadequadas para escolher ou saber o que era melhor para elas e para aqueles que delas dependiam. São pessoas que acreditavam em Deus e em sua bondade, e que ainda acreditam. Muitas contam como cresceram em sabedoria, capacidade, fé e amor devido a sua luta.

Algumas vezes uma oração não é respondida, porque, realmente, não desejamos que o seja. Quando meu marido estava com quase vinte anos, leu o Livro de Mórmon e adquiriu confiança de que era possível comunicar-se com o Senhor. Ele diz que adiou a iniciativa, entretanto, não por pensar que era impossível, mas por não estar pronto para um passo tão grande. Um dia, ele cavalgou até as montanhas, desceu do cavalo e ajoelhou-se para orar. Ao pensar nas possibilidades de mudança pessoal e nas responsabilidades que acompanhariam uma comunicação do Senhor, começou a compreender que não estava pronto para renunciar ao seu confortável estilo de vida, por mais que desejasse a aprovação do Senhor. Tinha tanta certeza de que o Senhor iria responder-lhe, que, pela primeira vez, teve aguda consciência de que, realmente, não desejava passar por uma mudança tão grande quanto a que resultaria de uma comunicação daquela espécie. Levantou-se e partiu.

Alguns meses mais tarde, aproximou-se do Senhor novamente, desta vez mais preparado para aceitar a comunicação e a responsabilidade. E, nessa ocasião, o Senhor respondeu.

Não foi o Senhor que não teve o desejo na primeira vez, mas Bob. Ele queria agradar ao Senhor e queria que o Senhor pensasse bem dele, mas, realmente, não desejava renunciar às comodidades do mundo — não sabendo com certeza que o evangelho era verdadeiro, e não desejando realmente crescer. O Senhor conhecia seu coração melhor do que ele mesmo e concedeu-lhe o que verdadeiramente desejava, ambas as vezes.

Talvez haja ocasiões em que pensamos saber quais são nossas intenções, quando oramos, mas nossos corações contêm “desejos ocultos” que o Senhor reconhece e respeita. Esses desejos ocultos ficam no caminho de nossos desejos mais conscientes. Assim, o Salvador aconselhou-nos a nos prepararmos com singeleza de coração, quando vamos orar.

Muitas pessoas são gratas por não terem recebido uma resposta a suas orações. Mas existem muitos tipos de oração, e certas pessoas, ainda envolvidas em lutas para as quais parece não haver solução, recebem pouco conforto das experiências positivas de outros indivíduos. Os problemas que têm com orações não respondidas não são facilmente resolvidos pelo método comum de comparação e raciocínio.

Se sabemos que Deus é bom e capaz, e que ele nos ama, então devemos presumir que, no final, permitirá aquilo que trouxer um bem maior a seus filhos, seja isso interferência no tempo ou falta dela, boa saúde ou dor e morte. Mesmo que não possamos reconhecer ou compreender aquele “bem maior” no momento, e embora soframos dor ou tristeza, devemos confiar em sua resposta à oração, mesmo que dela não encontremos evidência.

Entretanto, se duvidamos de sua existência, de sua bondade, de seu poder, ou especialmente de seu amor a nós, as orações pedindo ajuda e que ficam “sem resposta”, ou cuja resposta não consegui-

mos reconhecer, podem ser devastadoras.

Em última análise, é a força da fé que uma pessoa deposita em Deus, e sua compreensão de seus propósitos que determinará sua atitude a respeito das orações para as quais não sentir uma resposta.

Nossas escrituras repetidamente nos dizem que devemos confiar no Senhor, louvá-lo, glorificá-lo, honrá-lo e proclamar seu poder e majestade. Não creio que Deus exija nossa confiança, louvor, glória e honra para estabelecer sua posição de Deus: ele sabe quem é. Mas somos nós que precisamos da confiança advinda de nossa compreensão dele, ou não poderemos começar a entender nosso mundo com suas dores e tristezas.

A antiga Israel achava difícil manter a confiança em Deus, especialmente porque o povo não seguia as orientações que ele lhes dava para que isso acontecesse. Para muitos judeus, nefitas e cristãos, a confiança contínua no Senhor exigiu mais estudo, força de vontade, desejo, experiência e oração do que estavam dispostos a oferecer. A pessoa mais capaz

de conhecer Deus e confiar nele é aquela que estuda as escrituras, medita a seu respeito, segue sua orientação na vida cotidiana, e ora não apenas para declarar sua gratidão ou pedir ajuda, mas para desenvolver um relacionamento com Deus.

Qualquer um de nós pode, literalmente, comer pão e pensar que é pedra? Ou olhar para um peixe e pensar que é uma serpente? Ou segurar um ovo e sentir a picada do escorpião? Creio que é possível experimentarmos tais ilusões, mas seria nossa percepção e não a coisa em si que estaria distorcida.

Deus não é produto do raciocínio do homem, e, portanto, não é limitado pela percepção que se tem dele. Seus caminhos não são definidos pela percepção do homem. Somos abençoados por vivermos numa época em que ele nos disse como podemos conhecê-lo melhor e reconhecer seus caminhos, se o desejarmos. Podemos sentir o gosto da pedra fria ou a picada do escorpião nas orações não respondidas; ou, confiando em seu amor e aprendendo a perceber suas bênçãos, podemos comer pão, peixe e ovos, e crescer.

“Sede prudentes na escolha das companhias. Escolhei somente aqueles cujo caráter é baseado na honestidade e na honradez, cujos objetivos são honrados, cuja vida é equilibrada e cujas despesas são modestas. Evitai deliberadamente aqueles cuja vida é desgovernada, que desperdiçam e que são profanos, e mesmo entre os melhores de seus companheiros, imitai somente suas virtudes. Não importa quão brilhante uma pessoa seja, quanto possa brilhar mental ou intelectualmente, se ela tem vícios, os mesmos são manchas e não devem ser copiados. Seria tão tolo, ou até mais, copiar as manchas morais de um homem, porque ele tem a reputação de ser um cavalheiro, um bom estudante ou um bom rapaz, quanto o seria fazer uma verruga artificial no rosto, porque algum homem simpático teve a falta de sorte de ter uma verruga natural no seu. Estamos sujeitos às influências de outras pessoas, especialmente das que apreciamos; e de nossos amigos, tanto nosso caráter quanto nosso temperamento receberão influências, como a água que passa através de minerais e adquire seu gosto e propriedades. Tenhamos o cuidado de nos associar apenas com os honestos, os bons e os puros.”

Conselhos de Brigham Young a seus filhos, Don Carlos e Ferramorz, que estavam estudando em Nova Iorque. (Jessee, Letters, p. 278.)

Trabalhei com uma companhia de pioneiros na preparação de um caminho para os santos, através do estado de Iowa, após o que tive o privilégio de voltar a Nauvoo e a minha família, que consistia de minha mulher e três filhos. Mudei-me com eles para Iowa, a uma distância de 320 quilômetros, onde os deixei, voltando cerca de 160 quilômetros para os povoados, a

fim de obter alimento e outras coisas necessárias.

Caí doente, e mandei buscar minha família para junto de mim. Minha mulher e duas crianças ficaram doentes no dia seguinte a sua chegada. Abrigamo-nos em uma cabana miserável, a relativa distância de qualquer fonte de água.

Um dia, fiz um esforço para conseguir água para minha pobre famí-

O SENHOR I

Jacob Hamblin
relata o seguinte incidente:



lia, mas não tive sucesso, devido à fraqueza. Chegou a noite, e minha família estava ardendo em febre e pedindo água.

Essas circunstâncias desesperadoras despertaram alguns sentimentos amargos dentro de mim. Parecia-me que neste momento de extrema aflição, o Senhor permitia que o demônio viesse tentar-me, pois um líder de classe metodista apareceu, comen-

tando que eu estava numa situação bem ruim. Garantiu-me que tinha uma casa muito confortável para a qual eu poderia mudar-me, e que tinha de tudo com fartura. Prometeu ajudar-me, se eu renunciasse ao "Mormonismo". Eu recusei e ele partiu.

Depois, ajoelhei-me e pedi ao Senhor que tivesse piedade de nós em nossa miserável circunstância, e que

R PROVERÁ



abrandasse o coração de alguém que pudesse ajudar-nos em nossa amargura.

Cerca de uma hora mais tarde, um homem chamado William Johnson apareceu com um jarro de três litros de água e disse: "Cheguei em casa esta noite muito cansado, tendo trabalhado com uma debulhadora todo o dia, mas quando me deitei não consegui dormir; algo me dizia que vocês estavam precisando de água. Peguei o jarro, fui para o poço e apanhei isto para vocês. Sinto agora que posso ir para casa dormir. Te-

nho muitas galinhas e outras coisas em minha casa, que são boas para pessoas doentes. Quando precisarem de alguma coisa, é só pedir." Eu sabia que isto era uma resposta do Senhor a minha oração.

No dia seguinte, as codornizes saíram das matas e se deixaram apanhar com tanta facilidade, que peguei todas as de que necessitava, sem dificuldades. Mais tarde, soube que os acampamentos dos santos tinham sido supridos de alimentos da mesma forma.

LEALDADE

Richard L. Evans

Um dos traços de caráter que não deve ser ignorado é a lealdade. Ela é essencial em qualquer relacionamento na vida que seja de valor: em família, entre amigos, com membros do time, entre patrão e empregado, lealdade para com os que trabalham para nós e conosco, e lealdade para com os que nos dão a oportunidade de trabalhar. Quando trabalhamos honradamente para alguém, devemos empenhar-nos ao máximo no serviço, pois só através do sucesso nos negócios daquele para quem trabalhamos, obteremos a segurança da estabilidade. Enquanto recebermos benefícios de uma fonte honrada, devemos manter-nos leais a ela e contribuir para seu sucesso. Isto não significa que devamos apoiar alguém no erro ou na infração à lei, mas que devemos insistir na apresentação justa e imparcial dos fatos.

Numa pesquisa, verificou-se que lealdade e lei têm o mesmo radical e que estas palavras são definidas analogamente no dicionário: "Fiel e dedicado ao governo legalmente estabelecido... dedicado a qualquer pessoa ou pessoas a quem se deve fidelidade, como a esposa ao seu marido, amigo a amigo, fidelidade a alguém hierarquicamente superior (e podemos acrescentar, alguém subordinado)... a uma responsabilidade... a um princípio... legal e legítimo... juramento."

Com estas definições surge a questão da "lealdade ilegal". Homens sem lei são leais enquanto a segurança e sobrevivência mútua dependerem disso, mas tornam-se desleais logo que um, com o sacrifício do outro, assegure sua própria segurança ou sobrevivência. Não se pode participar de um ato ou associação maus ou ilegais ou de uma conspiração desonesta e estar seguro da extensão da lealdade do parceiro. Maldade e amizade ou maldade e honra não são compatíveis. Mas o amor sincero, lealdade à família e amigos, lealdade entre pessoas com aspirações dignas, lealdade a um princípio elevado, são sentimentos que persuadem o indivíduo a permanecer fiel a um ideal ou a uma obrigação honrada mesmo que ela se torne inconveniente. Sem o predicado da lealdade há pouco na vida com que se possa contar.

CONTINUE APRENDENDO

Marion D. Hanks,

da presidência do Primeiro Quorum
dos Setenta

Extraído de um discurso dirigido aos
professores do Seminário, em 1970.

Conta-se a história de uma obscura solteirona que se queixava de nunca haver tido uma oportunidade de aprender.

Ela falou ao Dr. Louis Agassiz, eminente naturalista, depois de uma conferência realizada por ele, em Londres. Em resposta ao seu lamento, ele respondeu: A senhora diz que nunca teve uma oportunidade. O que a senhora faz?

— Sou solteira e ajudo minha irmã a manter sua pensão.

— Qual é o seu trabalho? — perguntou.

— Descasco batatas e corto cebolas.

— Onde a senhora fica sentada, durante esse interessante trabalho doméstico?

— Num dos degraus da escada da cozinha.

— Onde apóia seus pés?

— Em cima de cerâmica vitrificada.

— O que é cerâmica vitrificada?



— Não sei, senhor!

— Há quanto tempo costuma sentar-se ali?

— Quinze anos, — disse ela.

— Aqui está o meu cartão, — disse o Dr. Agassiz. A senhora poderia fazer a gentileza de me escrever, contando-me a respeito da natureza da cerâmica vitrificada?

“Ela levou o pedido a sério. Foi para casa e consultou o dicionário; descobriu que a cerâmica vitrificada é uma peça de barro cozido. Aquela definição pareceu-lhe muito pobre para mandar ao Dr. Agassiz. Por isso, depois de lavar os pratos, foi a uma biblioteca e, numa enciclopédia, leu que a cerâmica vitrificada é uma mistura de caulim e silicato de hidróxido de alumínio.

“Não entendia muito bem o que era isso, mas estava curiosa e continuou. Apanhou a palavra *vitrificada* e leu tudo o que achou sobre ela. Depois visitou museus. Saiu do porão da vida e entrou num mundo novo sobre as asas da palavra *vitrificada*. Tendo começado, passou para a palavra *hidróxido*, estudou geologia e voltou em seus estudos ao tempo em que Deus criou o mundo e fez a argila. Uma tarde, visitou uma fábrica de cerâmica onde achou a história de mais de 120 qualidades diferentes de ladrilhos e azulejos, e a razão de existirem tantos tipos. Sentou-se e escreveu trinta e seis páginas sobre o assunto ao Dr. Agassiz.

“Depois, recebeu a carta dele: ‘Querida senhora, este foi o melhor trabalho que encontrei sobre o assunto. Se tiver a gentileza de trocar as três palavras com asteriscos, seu artigo será publicado e eu lhe pagarei por ele.’

“Pouco tempo depois, recebeu uma carta com 250 dólares e anexa a ela, uma pergunta: ‘O que havia sob aqueles blocos de cerâmica?’ Tendo aprendido o valor do tempo, respondeu com uma única palavra: ‘Formigas.’ Ele tornou a escrever, pedindo: ‘Fale-me das formigas.’

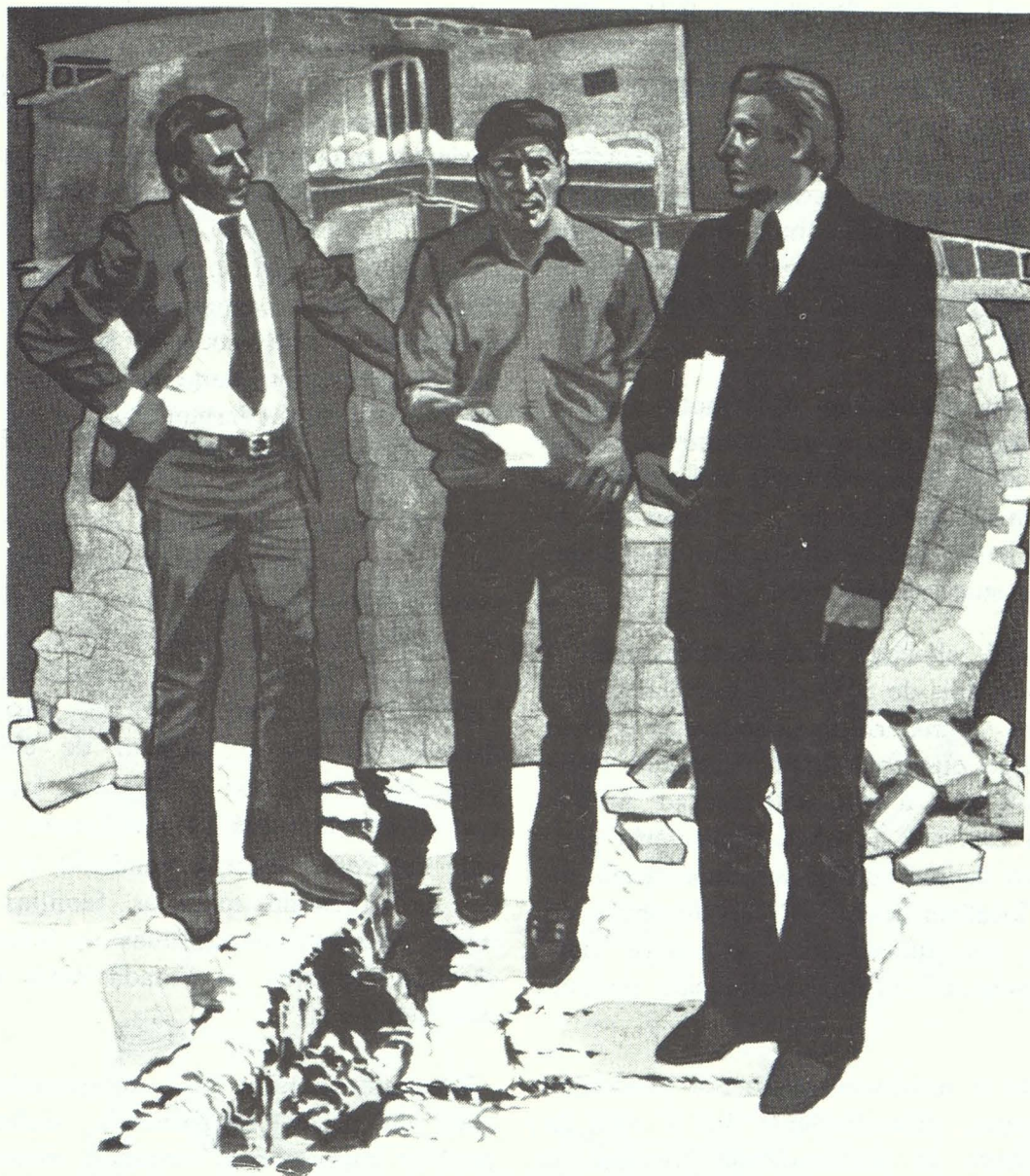
“Ela se pôs a estudar as formigas. Descobriu que existiam de 1.800 a 2.500 espécies diferentes. Havia formigas tão pequenas, que seria possível colocar três delas sobre a cabeça de um alfinete e ainda sobrar lugar; formigas com 2,5 cm de comprimento, capazes de marchar em colunas compactas de até 800 metros de largura, afugentando ou levando tudo o que encontram; formigas que são cegas; formigas que ganham asas na tarde do dia em que morrem; formigas que constroem formigueiros tão diminutos, que se pode cobri-los com um dedal de prata; formigas pastoras que criam ‘vacas’ para a ordenha e depois entregam o ‘leite’ fresco no apartamento das formigas aristocratas da vizinhança.

“Depois de muita leitura e pesquisa minuciosa, a solteirona sentou-se e escreveu ao Dr. Agassiz trezentas e sessenta páginas sobre o assunto. Ele publicou o livro e lhe mandou o dinheiro e com este, ela visitou todos os países que sonhara conhecer.

“Pois bem, ouvindo esta história, vocês percebem vivamente que todos nós estamos sentados com os pés apoiados sobre um piso de caulim com silicato de hidróxido de alumínio vitrificado — com formigas debaixo dele. Lord Chesterton disse: ‘Não há coisas desinteressantes; há somente pessoas desinteressadas!’” Continue aprendendo.

MESTRES FAMILIARES EM UM TERREMOTO

H. Bruce Bowman



Era uma ensolarada tarde de domingo, em maio de 1970, quando meu companheiro júnior e eu voltávamos para nosso apartamento. Íamos descansar e estudar durante algum tempo, antes da reunião sacramental no Primeiro Ramo de Trujillo, Peru, na

Missão dos Andes. Eu estava lendo, no beliche superior, quando minha cama começou a tremer violentamente.

Depois, a mesa virou e eu vi a cômoda “andar” pelo chão. Minha mente começou a procurar uma palavra em espanhol

que eu já tinha ouvido mas que nunca usara... terremoto!

Os danos, em Trujillo, foram poucos, mas os habitantes de Chimbote, um porto pesqueiro a cerca de 145 quilômetros para o sul, foram obrigados a deixar suas casas. Em virtude de transferências recentes, nenhum dos missionários estivera na cidade por mais de duas semanas, e, não conhecendo os membros, preocupavam-se em como encontrar os santos espalhados. Um dos missionários servia como presidente do ramo; o domingo do terremoto tinha sido o seu primeiro na cidade.

Eu trabalhara em Chimbote durante seis meses, com o presidente do ramo anterior, e como conhecia muito bem os membros, pediram-me que fosse até lá para ajudar a localizar os santos e determinar suas necessidades.

Fiquei chocado quando chegamos à cidade. Mais de 80% dela havia sido derubada. A maioria das choupanas e casas de barro que constituíam a cidade, tinha caído devido à violenta vibração. As que ainda estavam de pé corriam sério perigo. Eu sentia que ia ser uma tarefa difícil localizar todos os 175 membros do ramo, pois quase todos os marcos identificáveis da cidade tinham sido destruídos.

Com o missionário que era presidente do ramo, primeiramente fui à casa da presidente da Sociedade de Socorro, irmã Cigarro, e deixamos nossas coisas lá. As horas seguintes passamos andando, perguntando, andando mais, e tentando encontrar os santos. Como suas casas tinham sido destruídas, a maioria tinha-se reunido para formar acampamentos. Muitos tinham saído de sua própria área para ficar mais perto dos outros santos, sem dizer a seus vizinhos para onde iam.

Após cerca de cinco horas andando, demos com um grupo de membros do ramo montando um acampamento nas ruínas da casa de uma irmã. Pareceu-nos que eles ficaram ainda mais felizes de nos ver do que nós de vê-los! Mas eu estava desanimado, temendo que fosse difícil encontrar os outros.

Perguntei se alguém sabia aonde poderíamos encontrar o irmão Cardenas, o primeiro conselheiro do presidente do ramo. Indicaram-me uma área atrás do acampamento, onde o encontrei colocando seus filhos na cama. Depois dos cumprimentos e expressões de gratidão por nos encontrarmos, perguntei-lhe se tinha idéia de como poderíamos achar os outros irmãos e irmãs do ramo.

Ainda posso lembrar-me da expressão de choque, mágoa e decepção em seu rosto. De seu bolso, ele tirou uma folha de papel dobrada e amassada e entregou-a a mim. "Élder", disse humildemente, "nós fizemos como você nos ensinou, quando instruiu o quorum de élderes aqui. Nós enviamos os mestres familiares!" Naquela folha suja de papel, estavam escritos o local, a condição, o estado de saúde de todas as famílias do ramo, com exceção de duas — informação toda reunida e relatada pelos mestres familiares!

Somente então nós compreendemos que, em nossa inexperiência, tínhamos perdido muitas horas tentando encontrar os santos a nossa maneira, não à maneira do Senhor, que é através dos canais do sacerdócio. Naquele dia, em Chimbote, ganhamos um testemunho do que mestres familiares bem organizados podem fazer, e, desde esse tempo, sei de pelo menos uma das muitas razões pelas quais o Senhor nos deu o programa de mestres familiares.

Meu Próprio Filme

Dan Lindstrom

A maioria das pessoas fica feliz quando pode sair de casa por algum tempo, no período de férias.

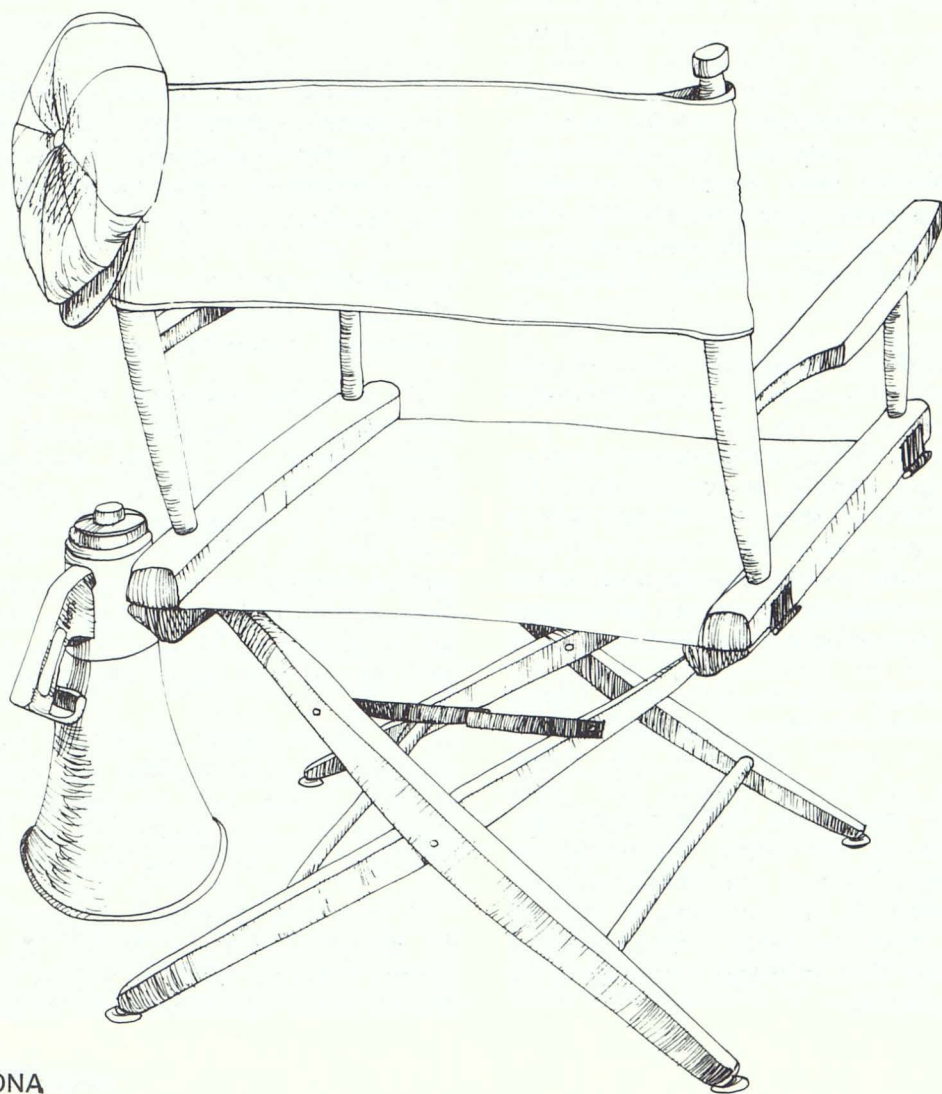
Eu fico contente de voltar para casa. Os compromissos artísticos de nosso grupo podem manter-nos fora de casa durante meses. Provavelmente é por isso que me senti tão à vontade, quando voltei a Lago Salgado, e entrei na fila com uma garota de que gostava, para ver um filme que eu achava que iria adorar.

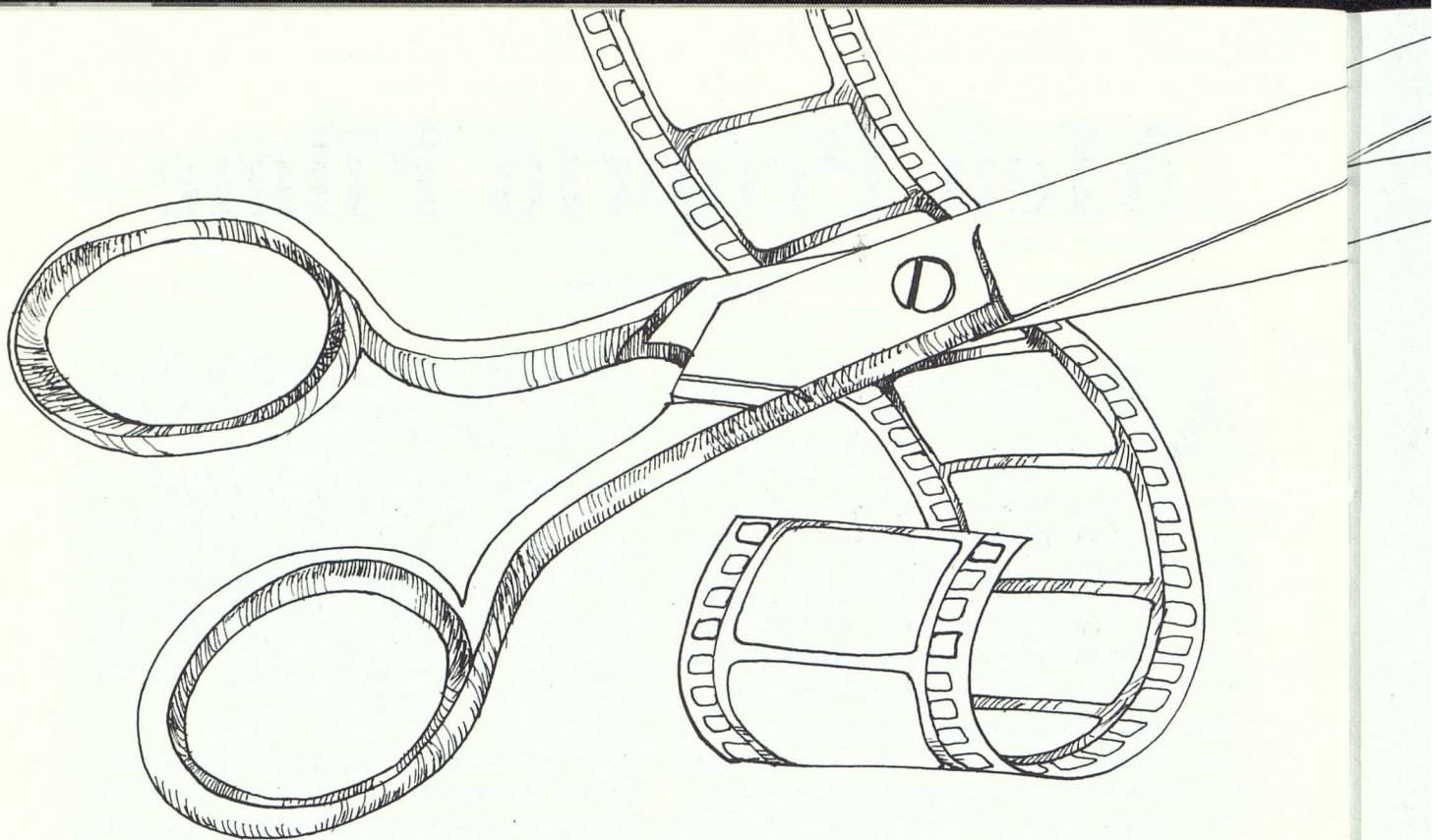
Era um filme famoso, de ficção científica, e a fila estava longa. A espera deu-nos tempo para conversar, mas também tempo para pensar. Minha mente

vagou por partes da seção 88 de Doutrina e Convênios. A seção 88 fala sobre o dia do julgamento.

Os versículos de 108 a 110 falam sobre uma grande revelação que acontecerá, durante a qual nossas ações serão conhecidas por todos. Esses versículos até mencionam que nossos pensamentos serão desvelados e dão a entender que nossa vida será recriada para provar que o julgamento é justo.

Eu tinha ouvido pessoas descrevendo o filme como uma obra épica, numa tela gigantesca, mas essa idéia não tinha real-





mente penetrado minha mente antes. Agora os pensamentos voavam por minha cabeça. Se estivesse sendo feito um filme da minha vida, estaria eu entusiasmado como estava agora para vê-lo? Quereria levar uma namorada comigo? Levitaria meu bispo? Meus amigos? Convidaria o Salvador?

O que havia começado como um simples pensamento, evoluiu para profundas reflexões sobre minha vida e o filme que eu faria. A idéia permaneceu comigo muito tempo depois de terminado o filme verdadeiro e de eu ter levado minha namorada para casa. Na verdade, continuei pensando sobre isso durante semanas. Não conseguia livrar-me da preocupação de pensar que tipo de filme seria.

Quem será o astro do meu filme? Quem, a não ser Dan Lindstrom, poderia fazer o papel principal em "Dan Lindstrom na Terra?" Acho isso fascinante. Ver meu nome em destaque, ajuda-me quando me sinto deprimido ou desanimado. Tudo o que tenho a fazer é lembrar-me de que a câmera está registrando todos os meus pensamentos e ações, e logo fico animado e começo a fazer algo positivo.

No filme "O Homem Em Busca da Felicidade", aprendemos que cada um de nós será considerado responsável por todo minuto de nossa vida neste planeta. Isto significa que, talvez, meu filme não mostre apenas o que eu fiz, mas o que eu poderia ter feito, se tivesse usado minhas oportunidades da melhor maneira. Quero ser encontrado em lugares santos.

Fiz algumas pesquisas sobre filmagens, também. Na biblioteca, estudei sobre as responsabilidades de um produtor. Descobri que ele assume todos os riscos. Ele cuida das finanças, portanto faz o jogo mais alto. Se o filme for um sucesso, ele poderá ganhar milhões; se fracassar, poderá perder tudo o que tem. Eu preciso ser o produtor do meu filme, uma vez que sou eu que estou me arriscando.

Ele falará sobre exaltação ou trevas exteriores, ou ainda algo que fique entre as duas coisas. Sou eu que supervisiono a produção, que determino os locais de filmagem e a qualidade do filme.

O produtor também contrata o resto do elenco. De certa forma, eu faço a mesma coisa no filme de minha vida, pois decido quem aparecerá nele e quem terá

papéis importantes. As pessoas com quem me associo, e a mulher com quem me caso, são decisões que terei de tomar.

Um diretor é vital para qualquer filme. Satanás está sempre disposto a dirigir. Na verdade, ele nem espera ser convidado. Ele tenta assumir o controle sempre que possível. O Espírito Santo também está pronto a dirigir. Mas nenhum desses dois diretores trabalha sem remuneração. Embora Satanás possa estar ansioso de começar, ele exige um preço eterno. O Espírito Santo exige obediência estrita aos princípios de pureza e retidão. Eu, sozinho, decido que poder permitirei dirigir-me, e espero e oro para que eu tenha a sabedoria e a força para permitir que o Espírito Santo o faça.

Tenho consciência de que não haverá substitutos em meu filme. Quando as coisas se tornarem difíceis e perigosas, não posso pedir que um "doublé" tome meu lugar. O Senhor decidiu que viríamos à terra e passaríamos pela experiência da vida de maneira direta. Não posso pedir a alguém que tome meu lugar; preciso desempenhar cada cena.

Haverá, entretanto, correções em meu filme, se eu pedir. Numa fita altamente técnica, como "Guerra nas Estrelas", por exemplo, muitas cenas são filmadas de diversos ângulos, e depois, as melhores partes são usadas na versão final. Se alguma coisa não sai bem da primeira vez, pode ser melhorada e experimentada novamente. Os compiladores trabalham arduamente para decidir o que usar e o que jogar fora. O Senhor nos deu um método semelhante, para tirarmos as más cenas e compormos o filme novamente. Chama-se arrependimento, e é tão

eficaz quanto o homem que faz os cortes e colagens dos filmes de Hollywood. Qualquer coisa eliminada pelo método do Senhor, entretanto, desaparece para sempre, e nossa culpa é apagada. (D&C 58:42.)

O que acontece, entretanto, se após os cortes (arrependimento) não sobrar muito do meu filme? Se parecer que isso pode acontecer comigo, preciso então tornar-me um bom escritor de roteiros. É minha responsabilidade fazer cenas valiosas e emocionantes, desenvolver o enredo e levá-lo a um glorioso clímax. Um número demasiado grande de pessoas fica sentado esperando a vida acontecer.

As anotações regulares de meu diário ajudam-me não apenas a registrar meu progresso no filme, mas também minhas metas diárias. Ali posso também escrever as cenas antes de representá-las. A oração matinal ajuda a preparar o texto do dia. A oração noturna analisa o progresso de outra interessante cena de meu filme. Cada dia deve ser um episódio belo e poderoso.

Sou grato ao Senhor pela oportunidade de estar aqui neste planeta, e pelo poder e responsabilidade com que ele me investiu. Eu sei que ele espera que eu faça coisas boas, espontaneamente, e, talvez, esta idéia de fazer um filme de minha vida me ajude a realizar tais coisas. E eu espero, se produzir tal filme imaginário, que me sinta feliz quando estiver na fila, esperando para vê-lo na tela.

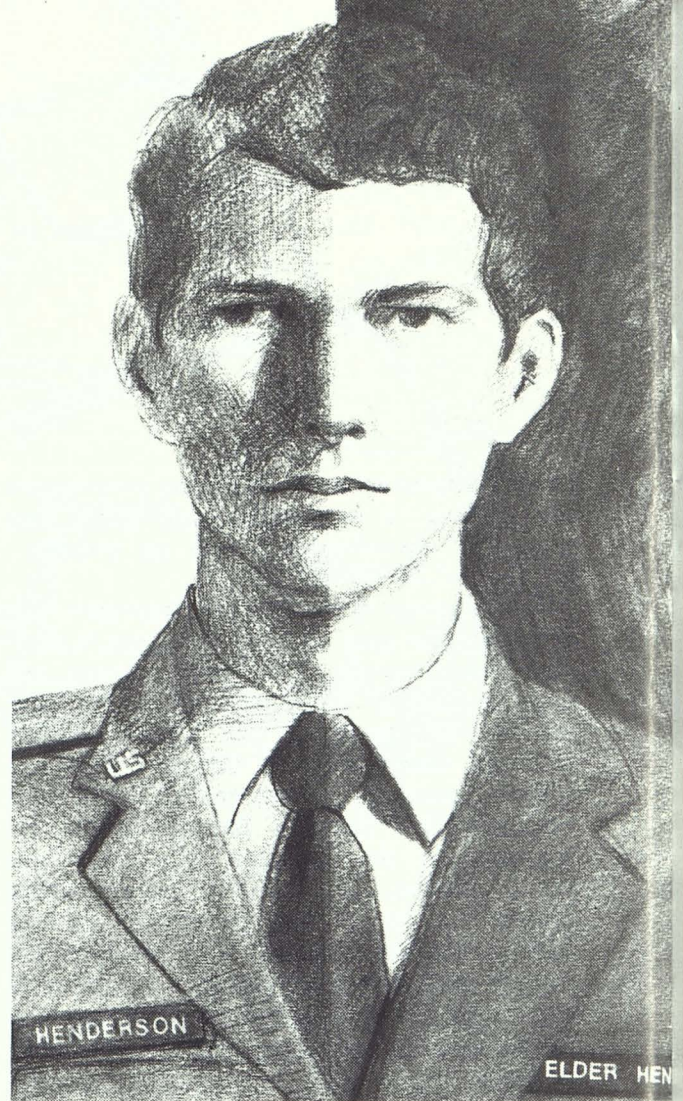
Nota do editor: *Dan Lindstrom é um cantor do trio Sunshade and Rain. Também é um setenta, e foi designado como missionário geral (sem designação específica) da Igreja. Esta história foi adaptada de uma palestra apresentada num sermão dominical.*

Uma Questão de Escolha

Chris Henderson

Meu sonho de frequentar a Academia da Força Aérea estava profundamente arraigado. Meu pai tinha feito carreira na Força Aérea, e aqueles verões que passei com ele, aprendendo a voar e familiarizando-me com a vida na aeronáutica, fazem parte das maiores experiências que já tive. Meus pais divorciaram-se quando eu era bem jovem, e eu não via meu pai com muita frequência; aquelas ocasiões em que estávamos juntos eram muito importantes para mim.

Quando estava no primeiro ano do colegial, fiz minha inscrição na Academia. Eu ia indo bem na escola; minhas notas eram boas; era ativo em meu quorum de sacerdotes; e na primavera daquele ano, fui eleito presidente da classe. A possibilidade de ser aceito na Academia parecia cada vez maior. Embora eu desejasse ardentemente que isso acontecesse, um pensamento repetia-se com frequência em minha mente: "Você deve ir para a missão." Sei que o Presidente Kimball tinha aconselhado que todos os jovens da Igreja fizessem uma missão, mas sentia que meu caso era uma exceção. Se aceitasse um chamado para a missão, minhas oportunidades de entrar para a Academia seriam muito poucas, uma vez que a maioria dos cadetes entrava imediatamente após o curso colegial. Eu também sentia que viver da maneira SUD na Academia, em certo sentido, equivaleria a uma missão. A despeito desses raciocínios o pensamento da missão continuava, contrariando meus esforços para afastá-lo da mente.



Quando entrei em férias, voei para a Virgínia, a fim de passar o verão com papai, que não é membro da Igreja. Discutir com ele a possibilidade de ser aceito na Academia tornava a perspectiva das férias ainda mais interessante. O incentivo de meu pai era entusiasmante, e eu voltei para casa, após as férias, ainda mais determinado a torná-lo orgulhoso de mim, seu filho, futuro cadete da Força Aérea! O verão tinha adormecido meus pensamentos de fazer uma missão, mas no primeiro domingo em casa, aqueles velhos sentimentos, que eu queria afastar, apareceram novamente. Compreendo agora que o Espírito Santo estava agindo sobre mim insistentemente, e adquiri um forte testemunho do poder de sua influência. Todos os dias, sem ex-

ção, minha mente era tomada por pensamentos da Academia versus missão. Comecei a ler minha bênção patriarcal com frequência; ela dizia que, quando o tempo chegasse, eu sairia em missão. Mais ainda, meu desejo estava voltado para a Academia, e eu estava ficando cada vez mais confuso.

Durante esses meses, passei muito tempo conversando com meu antigo bispo, o Bispo Tolman, tentando esclarecer meus sentimentos e decidir o que deveria fazer. Ele não tentou influenciar minha decisão, mas disse que me apoiaria naquilo que eu resolvesse. Sua confiança em mim foi um grande apoio. Ao orar pedindo orientação para tomar a atitude certa, senti-me seguro de que a receberia.

E então, no dia 10 de outubro de 1976, enquanto assistia a uma reunião de testemunho, subitamente senti que eu tinha que fazer missão, e que a Academia teria que esperar. Tirei do bolso um manual dos missionários que tinha sido distribuído numa reunião do quorum de sacerdotes meses antes, e escrevi em espanhol (para que ninguém mais soubesse o que eu estava escrevendo): "Quando fizer 19 anos, sairei para a missão." Registre a data e guardei-o. Não pensei mais naquilo durante uns quinze dias. Eu tinha tomado a decisão, e minha consciência não precisava mais trabalhar tanto.

Foi nessa ocasião que saíram as indicações para a Academia. Eu fora aceito. Foi um pouco difícil explicar a alguns amigos e professores que aquilo pelo que trabalhara durante anos, e que agora era uma realidade, ia ser deixado de lado. Conversei com o Bispo Tolman cerca de uma hora e meia. Ele disse: "Chris, eu realmente acho que você ficará feliz com sua decisão. Creio que você fez a escolha certa." Enquanto conversávamos, comecei a sentir desejo de

fazer missão, não me sentindo obrigado.

Chegou a hora de contar a papai. Eu não sabia o que fazer. Tinha certeza de que ele nunca entenderia ou aceitaria minha decisão. Para ele, a Força Aérea era tudo, e eu sabia que quando lhe contasse, seria a última vez que conversaria com ele. Orava constantemente, pedindo coragem para falar-lhe, a fim de que, de alguma forma, ele pudesse aceitar.

Quando ouvi sua voz do outro lado da linha, quase desliguei o telefone. De alguma forma, entretanto, consegui falar. Depois de dizer-lhe, houve pelo menos 30 segundos de total silêncio. Eu tinha esperado raiva e decepção, mas o silêncio era ainda mais exasperante. Finalmente, ele falou: "Bem, Chris, o que é exatamente uma missão?" Perguntou-me o que eu faria, quanto tempo duraria, para onde eu iria. Depois de ouvir minha explicação, ele disse firmemente: "Se isso é o que você quer mesmo, apoiarei sua decisão." Isso me pegou de surpresa; eu não conseguia falar. Dei o fone para minha mãe e fui para o quarto.

Desde aí, meu pai e eu nos temos correspondido regularmente, e ele até se ofereceu para ajudar-me financeiramente. Minha gratidão a ele aumentou tremendamente, pois compreendi mais do que nunca, seu grande amor por mim.

Algumas vezes, desde nossa conversa, pensei: "Eu tinha a Academia nas mãos e deixei-a escapar, e agora nunca a terei novamente." Essas ocasiões, entretanto, não duram muito e cada vez se tornam mais raras. Sei que não vou morrer por não ir para a Academia, e que servir missão é o que o Senhor quer que eu faça. Estou entusiasmado com isso, e nada me impedirá de servir o melhor possível!

Nota do editor: *Esta história foi escrita antes de o Élder Henderson partir para o campo missionário. Ele está agora servindo na Missão Coreana.*

Era domingo 5 de julho de 1964. Eu tinha escalado as pirâmides do Egito, tocado o Muro das Lamentações, em Jerusalém, subido os velhos degraus de Baalbek, no Líbano, e visitado o Monte das Oliveiras. Agora estava terminando minha viagem em Atenas, na Grécia, e no dia seguinte estaria novamente com minha família.

Vesti-me, tomei um lanche, e, incapaz de encontrar um ramo da Igreja na lista telefônica, decidi explorar Atenas a pé. Eu havia feito uma excursão turística no dia anterior. Agora visitaria os lugares que os turistas não costumam ver.

À tarde, encontrei-me no Ágora, o grande mercado central da Atenas clássica. O complexo total do Ágora parecia grande demais para ser visto de baixo, então decidi subir uma colina de onde tudo podia ser visto ao mesmo tempo. Foi somente quando cheguei ao topo e examinei meu mapa de Atenas, que percebi que aquela era a colina do Areópago, local do famoso sermão de Paulo aos atenienses.

Sentando-me numa saliência de rocha com várias outras pessoas que também estavam apreciando a vista, eu contemplava os templos em ruínas e as colunas caídas do Ágora. Embaixo, a Acrópole, na colina vizinha, e, vários quilômetros adiante, o verde mar Egeu, encimado por um céu azul e sem nuvens. Era um dia perfeito.

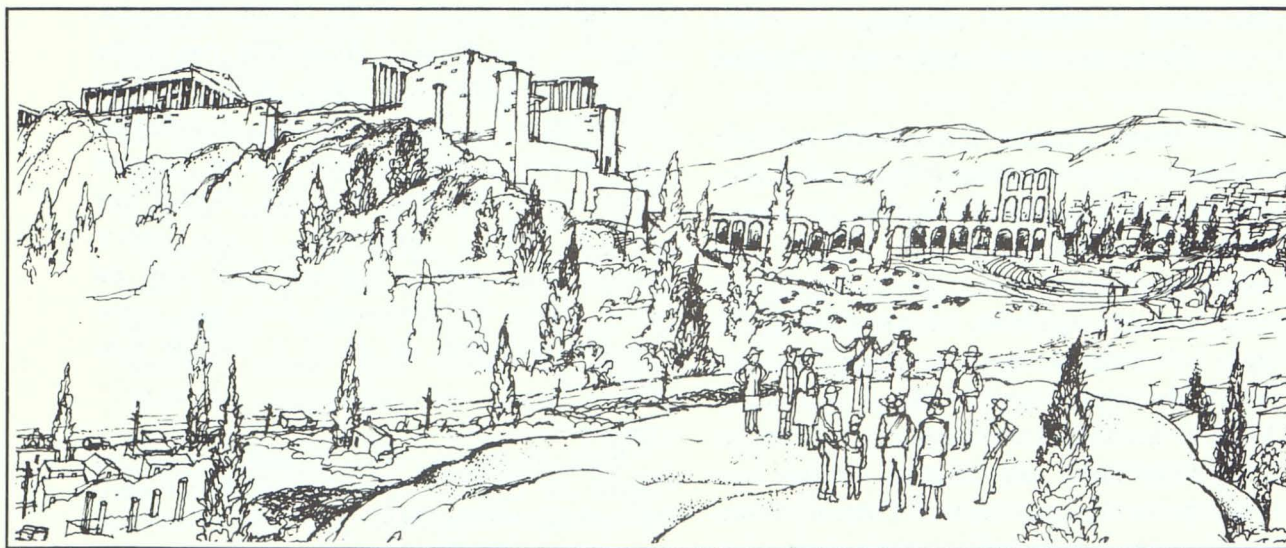
Meus pensamentos foram interrompidos pelas exclamações de alguns turistas ingleses. Quando perguntei o que tinha acontecido, disseram-me: "Nosso time de críquete fez seis pontos no jogo." Eles aumentaram o volume do rádio, de modo que eu pudesse ouvir, e começamos a conversar animadamente. Olhando em volta, notei cerca de 30 visitantes, metade deles ingleses, e a outra gregos, na maioria jovens casais.

O rádio começou a ter problemas de estática e foi desligado. Uma adolescente comentou: "Você é americano. Como é que entende tanto de críquete?"

Eu lhe disse que tinha sido missionário da Igreja mórmon na Inglaterra, e que

MISSIONÁRIO NA COLINA DO AREÓPAGO

Kirk P. Lovenbury



aprendera a gostar de críquete nessa época. Outra pessoa sugeriu: "Conte-nos como a Igreja mórmon difere das outras."

Subitamente fui tomado por um sentimento que não podia explicar, algo que raramente tinha acontecido antes. Alguma coisa me disse: "Comece a falar, e você saberá o que dizer." Comecei a falar e pediram-me que ficasse de pé para que todos pudessem ouvir-me.

Iniciei hesitantemente. "Sou membro da Igreja de Jesus Cristo, como foi restaurada nestes últimos dias." Expliquei que a Igreja deve ter o nome de Cristo e que a palavra mórmon é um apelido. Pensando no que diria a seguir, olhei para Atenas, para as cruzes das muitas igrejas da cidade, e soube.

"Vocês perguntam como nossa igreja difere das outras. Quando Paulo esteve neste lugar, ele falou sobre o 'deus desconhecido'. Em cada uma daquelas igrejas, há um altar dedicado ao 'deus desconhecido', porque eles acreditam que o mistério de Deus faz dele um Deus. Dizem que, se o conhecêssemos, ele deixaria de ser Deus. Isso é realmente diferente das pessoas que adoravam o deus desconhecido neste local, 1900 anos atrás? As escrituras dizem que a vida eterna é "que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". (João 17:3.)

Disse-lhes, ainda, que o "deus desconhecido" havia-se revelado novamente, restaurado sua igreja e chamado novos apóstolos para testificar dele. Citei a história de Joseph Smith com um fervor que nunca tinha sentido antes e prestei testemunho de sua veracidade. Comentei que, logicamente, apenas uma igreja podia estar certa, discuti a necessidade de autoridade e expliquei como

essa autoridade tinha sido restaurada no sacerdócio. Tirei de minha carteira um retrato do Presidente David O. McKay e testifiquei que era um profeta. Eles concordaram que esse tipo de orientação espiritual certamente era necessário hoje.

As horas voaram. Eles fizeram perguntas e eu expliquei a doutrina com um entusiasmo que nunca tivera antes. Foi incrível! A experiência que tivera com as reuniões de rua, durante minha missão, tinham-me convencido de que poucas pessoas estavam realmente interessadas em religião, e a maioria virava as costas e se afastava. Mas havia 30 pessoas que ouviam atentamente, absorvendo cada palavra. Elas pareciam verdadeiramente interessadas em aprender o evangelho.

Depois de três horas de conversa, o ar frio da noite forçou-nos a terminar. Prestei testemunho de tudo o que dissera e apertei a mão de mais de uma dúzia de pessoas.

Flutuei de volta para o hotel, com lágrimas nos olhos, e abri a Bíblia no 17.º capítulo de Atos.

"E, tomando-o, o levaram ao Areópago, dizendo: "Podemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas?"

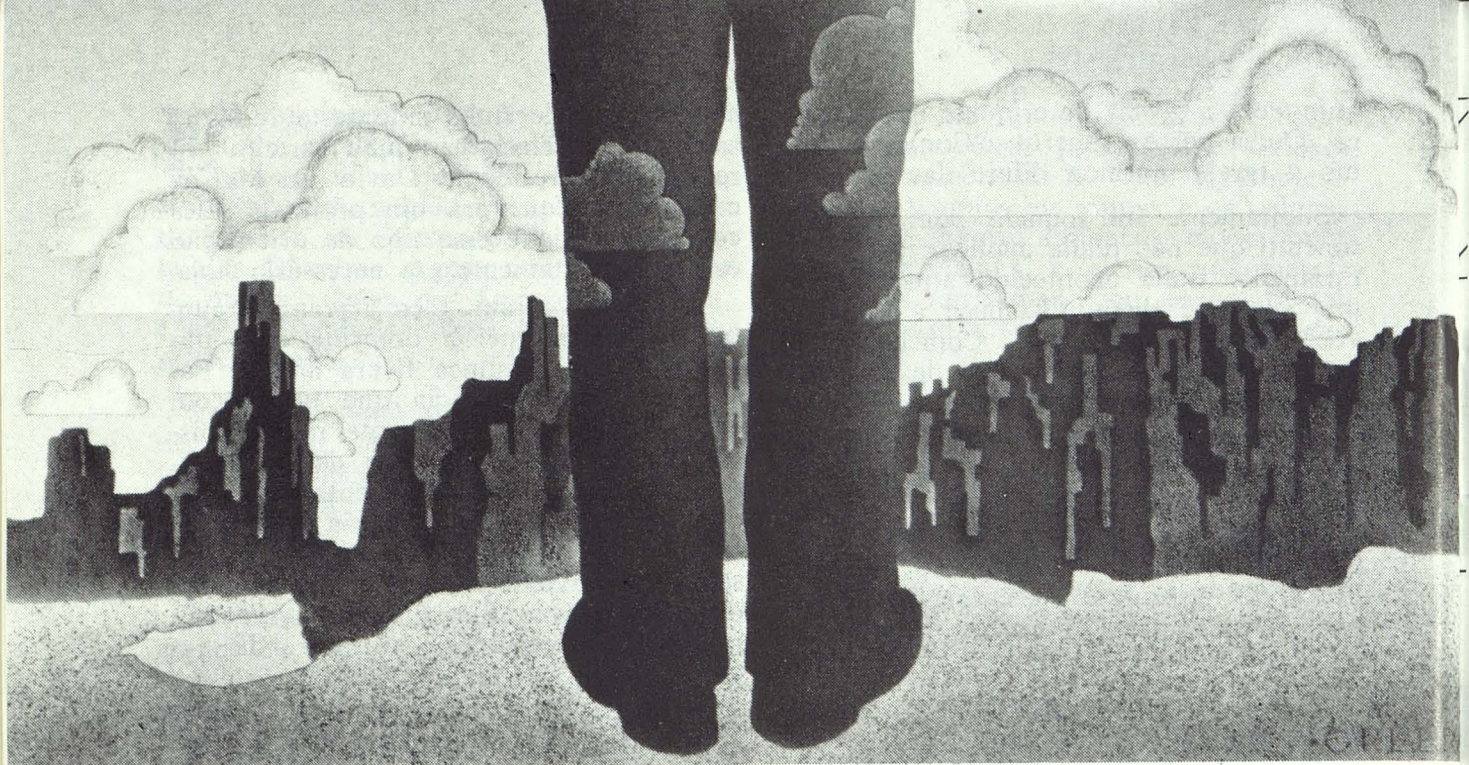
Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos: queremos pois saber o que vem a ser isto.

(Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes, de nenhuma outra coisa se ocupavam, senão de dizer e ouvir alguma novidade.)

E, estando Paulo no meio do Areópago..." (Atos 17:19-22.)

Eu tinha tido o privilégio de vislumbrar a experiência pessoal de um dos maiores missionários de todos os tempos.

"O pai deve ser cheio de bondade e fazer tudo para tornar a mãe animada e feliz, a fim de que o coração dela seja confortado e sua confiança e seu amor para com seu protetor terreno não sejam prejudicados, para que seu amor a Deus e à retidão possam vibrar através de todo o seu ser, para que ela possa conceber e ter filhos dotados de todas as qualidades necessárias a um ser designado para reinar como rei dos reis e senhor dos senhores." (Journal of Discourses 8:62.)



SE OS HOMENS JAMAIS SE AVENTURASSEM NO DESCONHECIDO, O MUNDO NÃO FARIA PROGRESSOS

Élder Royden G. Derrick,
do Primeiro Quorum dos Setenta

O colorido vívido das montanhas era inspirador. O amarelo, o marrom e o cinza das pedras nas colinas vizinhas, e o azul das montanhas distantes, formavam uma cena que somente a natureza poderia pintar. Um artista que o tentasse, seria acusado de exagero.

Eu estava na borda de um grande precipício. O solo debaixo de meus pés era de arenito branco. Era estranho como o solo parecia monótono aos meus pés e a mesma pedra mostrava-se linda quando vista de longe. “Não é assim a vida?” pensei comigo mesmo.

Olhei para baixo. Lá estava o rio Colorado, como uma fita cinza insignificante, enroscando-se através da garganta profunda do “canyon”. Tive uma tontura, e afastei-me alguns passos, com medo de perder o equilíbrio. Olhei para cima e vi o outro lado do desfiladeiro, 183 metros adiante. Ao pensar em quão distantes estávamos da civilização, o medo tomou conta de meu coração. “Em que é que nos metemos?” perguntei a mim mesmo.

Tínhamos assinado um contrato para fabricar e montar o aço para uma ponte

que deveria atravessar a garganta do rio Colorado. Estávamos confiando nos cálculos e desenhos de nosso engenheiro para fazer algo que nunca tínhamos feito antes. A última coisa que eu faria, nessas circunstâncias, seria expressar minhas dúvidas em voz alta. Eu precisava ser positivo. Se o líder da organização não tem coragem ou critério quando explora novos horizontes, a operação desmorona. Era um ponto crítico, um precipício para aqueles de nós que tínhamos trabalhado por tanto tempo e tão arduamente para formar uma reputação profissional. Não podíamos voltar atrás agora. Afastei meus temores, pensando: "Se os homens jamais se aventurassem no desconhecido, o mundo não faria progressos."

Como colocar uma ponte sobre um abismo tão profundo? Primeiro, estendemos uma corda sobre o rio. A corda foi usada para puxar uma outra corda leve através do rio, depois uma corda mais pesada, um cabo leve, um cabo mais pesado, até que tínhamos um cabo de aço de 76 milímetros estendido sobre o rio, sustentado por altas torres de ambos os lados. Juntamente com outras partes essenciais, tínhamos um sistema de condutores elevados que carregava os segmentos de aço fabricados até suas respectivas posições; alguns pedaços pesavam 30 toneladas.

Os segmentos do arco eram sustentados por torres e agüentavam 600 toneladas de aço bem acima do rio, até que o arco pudesse ser fechado. Depois que o arco era fechado, o peso era transferido para

os enormes alicerces de concreto, sustentados pelas rochas das paredes do "canyon", permitindo que as torres fossem aliviadas e desmontadas.

Cada passo tinha que ser exato. Cada pedaço de aço precisava encaixar-se com perfeição. Cada movimento tinha que ser cuidadosamente planejado. Um complicado processo de programação era usado para coordenar a parte de engenharia, de compras, de preparação do aço, de fabricação do aço, de estocagem, transporte, descarregamento e montagem, de modo que o pedaço certo de aço chegasse no local no momento exato em que era necessitado. É do mesmo jeito na vida, não é? Devemos planejar as coisas para alcançarmos um padrão de excelência, se quisermos ter sucesso. Quanto maior o desafio, mais alto deve ser o padrão, estejamos construindo pontes ou edificando vidas.

Hoje ninguém nota o precipício à beira do qual eu estive naquele dia determinado. Quando os motoristas atravessam aquilo que foi um dia um caminho intransponível, vão de um lado a outro em aproximadamente oito segundos. Raramente penso naquele precipício de minha vida profissional, sem ponderar que o homem, com o auxílio do Senhor, pode muito bem fazer tudo aquilo a que se propõe. O que é um desafio para um, pode ser uma coisa comum para outro, mas aquilo que agora é normal, já foi um grande desafio.

Existem momentos, na vida de todos nós, em que ficamos à beira de um pre-

cipício. O desconhecimento do amanhã nos traz dúvidas à mente e temores ao coração. O Salvador sentiu isto em seus discípulos, quando se despediu deles na Última Ceia. Eles deveriam levar avante seu trabalho, depois que ele partisse, algo que nunca tinham feito antes. Ele disse: "Não se turbe vosso coração nem se atemorize." (João 14:27.)

Após a restauração do evangelho, o Salvador novamente passou a responsabilidade para os discípulos dos últimos dias, e, percebendo seu temor, disse: "Não temais, pequeno rebanho, o reino é vosso até a minha vinda." (D&C 35:27.)

O Senhor instruiu Néfi a fazer algo que ele nunca fizera antes — construir um navio para atravessar o oceano, rumo à terra da promessa. Néfi tinha algum conhecimento de como proceder, mas sua força espiritual e sua confiança no Senhor eram sua maior preparação. Quando seus irmãos o criticaram e lhe disseram que ele não podia construir um navio, ele deve ter tido algumas dúvidas na mente, e talvez medo no coração. Mas, em sua grande fé, ele disse: "Se Deus me ordenasse que fizesse todas as coisas, eu as poderia fazer. Se ele me ordenasse que dissesse a esta água: Converte-te em terra, ela se converteria; e, se eu dissesse, assim seria feito.

E agora, se o Senhor tem tão grande poder e fez tantos milagres entre os filhos dos homens, por que não poderá ensinar-me a construir um navio?" (1 Néfi 17:50-51.) Após esta declaração de confiança, Néfi e seus irmãos, com o

auxílio do Senhor, construíram um resistente navio, que os levou para a América.

O Senhor nos instruiu para fazermos tudo o que pudermos como preparação. Ele disse a seus discípulos dos últimos dias: "Se estiverdes prontos, não temereis." (D&C 38:30.) O apóstolo Paulo, tendo recebido um chamado do Senhor após uma manifestação divina, passou três anos na Arábia, segundo a tradição, preparando-se para o ministério. O Senhor aconselha que nos preparemos, quando diz: "Não procures anunciar minha palavra, mas primeiro procura obtê-la, e, então, a tua língua se desataará." (D&C 11:21.)

Uma vez preparados, o princípio da fé é necessário — fé em que podemos fazer qualquer coisa para a qual nos tenhamos preparado. O dinâmico apóstolo Paulo disse: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece." (Filipenses 4:13.) Esta afirmação revela uma força importante em seu caráter.

Preparação, fé, destemor — e então prosseguimos passo a passo e dia após dia, para realizarmos as coisas, alcançando um padrão de excelência. Isto nos permite aventurar-nos além daquilo que está dentro de nossa experiência, realizando, com sucesso, coisas que nunca fizemos antes. Os horizontes que estão a nossa frente serão conquistados por homens e mulheres preparados na fé, coragem e confiança no Senhor. A resultante satisfação do indivíduo, e as contribuições para a humanidade, valem bem o esforço.

PREOCUPAÇÃO COM O INDIVÍDUO — UM PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

William G. Dyer

O desafio para o líder de qualquer organização, seja ela de negócios, a igreja ou a família, é fazer com que os que trabalham com ele, ou sob sua direção, saibam que se preocupa com eles como indivíduos.

Nenhuma organização, incluindo a Igreja, pode existir por muito tempo, se o trabalho não for realizado e as metas alcançadas. O líder não pode ignorar as

atividades centralizadas no trabalho. Ele deve fazer com que atividades sejam planejadas, programas estabelecidos, materiais estejam em ordem, e designações sejam dadas e cumpridas. Mas tudo isto deve ser feito numa atmosfera geral de extremo interesse por aqueles que devem realizar o trabalho e executar as designações. Quando as pessoas sentem que seu superior pensa que o trabalho é mais

Reservar tempo para
perguntas pessoais



importante do que as pessoas que o realizam sua motivação é prejudicada.

Este é o equilíbrio que deve ser conseguido — bom planejamento, boa organização, altos padrões de qualidade e um ambiente de trabalho em que cada indivíduo envolvido tenha confiança de que ele, pessoalmente, é compreendido, apreciado e tem uma participação profunda.

Em sua própria experiência na Igreja, considere como este equilíbrio está sendo conseguido e mantido nas seguintes situações:

1. *Chamados.* A pessoa que faz o chamado fica tão preocupada em falar sobre a designação, os requisitos e a importância do trabalho, que deixa de considerar as necessidades, preocupações, temores e perguntas daquele que está sendo chamado?

2. *Entrevistas orais.* A pessoa que dirige a entrevista oral passa todo o tempo fazendo perguntas sobre as visitas feitas (de mestres familiares) ou sobre a organização em questão, sem falar de maneira profunda e pessoal sobre as preocupações íntimas da pessoa que está realizando

do a visita de mestre familiar ou trabalhando na organização?

3. Folhas de programação de entrevistas com o bispo, a fim de obter recomendação para o templo ou para o acerto do dízimo. Muitas alas e ramos colocam essas listas no quadro, a fim de que sejam marcadas as entrevistas pelos membros. Para muitos membros, este é o único contato que eles têm com o bispo, em uma situação de entrevista pessoal. Será que se concede tempo suficiente para que cada pessoa sinta o interesse genuíno do bispo?

4. *Atividade de classe.* Nas aulas da Igreja, alguns professores fazem os alunos sentir que a lição é mais importante do que o aluno? As lições geralmente são impessoais, e tratam de poucas questões que sejam de real interesse para o aluno. Sábio e habilidoso é o professor que pode criar uma atmosfera, na classe, em que os alunos tenham liberdade de falar sobre seus problemas e questões a respeito do evangelho.

5. *Designações.* Os líderes dos quoruns ou da ala fazem designações tendo em

O desafio para o líder de qualquer organização, . . .
é fazer com que os que trabalham
com ele, ou sob sua direção, saibam que se preocupa
com eles como indivíduos.

mente as necessidades da pessoa? É raro encontrar um líder de quorum que sente com os membros do mesmo e diga: "Este é o trabalho pelo qual seremos responsáveis. Qual é sua situação pessoal? Como podemos fazer uma programação que permita que você realize essas designações, mas que não crie problemas para você? Quais as sugestões que você tem para realizarmos esta designação?"

Como Podemos Demonstrar Interesse

O que pode ser feito por aqueles que ocupam posições de liderança na Igreja, para criar uma atmosfera de interesse pessoal e aceitação individual?

1. *Ter tempo suficiente.* Geralmente os arranjos para uma atividade da Igreja são feitos apressadamente, em horários inconvenientes, e dirigidos com o sentimento: "Estamos ambos ocupados, portanto vamos acabar depressa com isto." Um chamado, uma entrevista, ou uma avaliação oral, devem ser programados com tempo suficiente para se demonstrar apreço verdadeiro, descobrir quaisquer preocupações pessoais, e falar-se não apenas da tarefa, mas também da pessoa.

2. *Eles podem fazer perguntas pessoais.* Por muitas razões, as pessoas evitam falar sobre coisas pessoais com os outros. É mais seguro falar sobre negócios. Mas pode-se entrar na área de interesse pessoal, perguntando algo assim: "Honestamente, gostaria de saber como você se sente a respeito de sua designação como mestre familiar. Se você tem quaisquer receios ou reservas, eu gostaria de saber; e se você tem qualquer sugestão para melhorar as coisas, ela será bem-vinda."

"Como estão as coisas com você, agora?"

Você está tendo quaisquer problemas, perguntas ou dificuldades que eu possa ajudar?" É possível começar uma conversa sobre algo que você, o líder, notou que está aborrecendo a outra pessoa.

3. *Eles podem ouvir com compreensão.* Se uma pessoa começa a falar sobre suas preocupações a respeito de coisas que o afetam, o líder deve ouvir, ouvir e ouvir, e tentar entender. Não adianta nada o líder convidar uma pessoa a falar, e depois interrompê-la com comentários deste tipo: "Não, as coisas não são assim." "Você não entendeu claramente o que estamos tentando fazer." "Sabe o que eu faria, se fosse você?"

Eles podem ouvir com compreensão ou empatia. Isto significa tentar honestamente ver o problema ou a situação do ponto de vista do outro, e compreender como e por quê ele vê e reage às coisas da maneira como o faz. Aí a pessoa poderá receber uma ajuda que verdadeiramente atenda a suas necessidades.

4. *Eles podem estar prontos a fazer alguma coisa.* Uma das reações mais comuns do líder, depois que uma pessoa compartilha com ele uma preocupação real, é perguntar: "Como eu posso ajudar?" Esta pergunta geralmente coloca a entrevista num terrível dilema. A pessoa pode não estar pedindo ajuda, e talvez não saiba o que seria apropriado. Sentindo-se desajeitada e embaraçada, ela poderá dizer: "Oh, eu não preciso de ajuda", ou "Não sei o que você poderia fazer."

Ao invés de perguntar o que pode fazer, o líder pode fazer alguma coisa: ele pode expressar compreensão, interesse e empatia. Ele pode responder com uma expressão de amor ou gratidão. Ele pode sugerir ação, como: "Eu sei que a situação do mestre familiar é difícil; eu poderei ir com você no mês que vem, para verificar isso pessoalmente." "Terei prazer em dar parte da aula, na próxima vez, para que você possa descansar e observar a classe." "Esse é um problema difícil. Deixe-me falar com o bispo e ver sua reação."

Se uma pessoa está realmente interessada, ela geralmente pode fazer algo que mostre que seu interesse é real.

TODA GENTE PRECISA DE UMA WINNIE

R. Bruce Lindsay

Sinto pena de qualquer jovem SUD que não teve uma Winnie Gunderson em sua vida.

Que sorte a minha, estar entre aquele grupo seletor — algumas centenas de crianças, criadas em Taylorsville, Utah, durante os últimos trinta anos — que ia à Primária todas as semanas, para reunir-se sob o manual gasto, o olhar sério e o grande coração de Winnie.

Ela amava as crianças, especialmente os meninos. E nós o sabíamos. Acho que, algumas vezes, em nossa maneira travessa, abusávamos daquele amor e dávamos à aula mais atividade do que o planejado na lição.

Não que suas aulas fossem monótonas alguma vez. As lições de Winnie podiam ser qualquer coisa, menos monótonas. Ninguém mais, que eu conheça, poderia manter duas dúzias de crianças de onze anos de idade completamente fascinadas, ano após ano, da maneira como ela o fazia, com histórias, em sua maioria verdadeiras, de pioneiros nas fronteiras agrestes.

A história da Igreja era, sem dúvida alguma, seu assunto favorito, e nenhum outro professor que conheci podia transmitir o espírito inicial do reino dos últimos dias, tão vividamente e tão bem. Tão intimamente associávamos a professora a seus ensinamentos, que era difícil para nossa mente jovem saber onde terminava a história e começava a Winnie.

Por exemplo, nunca poderia imaginar

Winter Quarters, sem imaginar Winnie lá. Como também nunca vi Winnie, sem captar um lampejo da força que uma pessoa precisava ter para sobreviver um inverno naquela comunidade pioneira.

Sempre visualizei Winnie matando pessoalmente aqueles vorazes grilos, no Vale do Lago Salgado, ou chicoteando os bois através das planícies, ou moendo sua melhor porcelana para usar como argamassa no Templo de Kirtland. Ela era minha imagem de pioneiro.

E ela tentava fazer de nós pioneiros, também. O ponto alto de nosso curso era um passeio, no verão, através da velha cascalheira. Nós puxávamos carroções cobertos, as meninas usavam vestidos compridos e toucas, e, geralmente, havia um ou dois pôneis emprestados. No fim da trilha, nosso “este é o lugar” chegava ao cair do sol no quintal de Winnie, onde comíamos porco salgado e pãesinhos, cantando canções pioneiras.

Muitos caminhos levavam à casa de Winnie, para rápidas visitas, brincadeiras ou reuniões de comitê de classe. Para ela, ensino era mais do que uma aula semanal.

Seu interesse por nós nunca diminuiu, com o correr dos anos. Muitos rapazes fizeram um agradecimento especial a ela em seu discurso de despedida quando foram para a missão. E ela continuava a demonstrar seu interesse, com cartas de incentivo.

Foi uma grande honra, aos quatorze anos, ser convidado para mostrar à nova “geração” da classe de Winnie, um menino da idade do Profeta Joseph, quando ele se ajoelhou no Bosque Sagrado. Enquanto ela pintava a cena em nossa mente, era quase como se a mesma luz divina descesse sobre a classe. E, em certo sentido, isso acontecia.

A luz brilhante de Winnie iluminou inúmeros testemunhos, simples, mas duradouros. Gostaria de que cada professor pudesse compreender o impacto que pode causar na vida de seus jovens alunos. Era o que acontecia com Winnie!

SEGUI OS IRMÃOS



Elder Boyd K. Packer

Do Conselho dos Doze

O tema de minha mensagem pode ser resumido em três palavras simples: **SEGUI OS IRMÃOS**. Embora eu possa elaborar sobre essa idéia, numa tentativa de ilustrá-la e ressaltá-la, está aí o fato, cândido e simples, de que nas três palavras, **SEGUI OS IRMÃOS** está o mais importante conselho que eu vos poderia dar.

Podemos tirar uma lição do capítulo vinte e seis de Mateus. A ocasião, a última ceia. Citarei o vigésimo primeiro versículo: “E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.”

Lembro-vos que esses homens eram apóstolos. Tinham estatura apostólica. Sempre achei interessante que, naquela ocasião, eles não tivessem começado a cutucar um ao outro, dizendo: “Aposto que aquele é o Judas. Anda meio esquisito ultimamente.” Isso reflete algo de sua estatura. Ao invés disso, está registrado que:

“E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, Senhor?” (Mateus 26:22.)

Peço-vos que domineis, por um momento, a tendência de ignorar conselhos, e que assumais um pouco da atitude apostólica, fazendo a vós mesmos a pergunta: “Preciso melhorar? Devo ouvir este conselho atentamente e segui-lo? Se

existe alguém que está fraco ou falhando, que reluta em seguir os irmãos, esse alguém sou eu, Senhor?”

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não existe ministério pago, nenhum clero profissional, como é comum em outras igrejas. Mais significativo ainda do que isso, é o fato de não existirem membros leigos na Igreja; todos os homens são elegíveis para o sacerdócio e para levar avante o ministério da Igreja, e tanto homens quanto mulheres servem em muitas posições auxiliares. Os homens recebem esta responsabilidade sejam ricos ou pobres, e com esta responsabilidade recebem também a autoridade. Há muitos que a negam, e outros que a ignoram; não obstante, a medida dessa autoridade não depende do apoio dos homens, mas sim do reconhecimento de Deus e da honra que ele confere à mesma.

Diz a quinta Regra de Fé: “Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade, para pregar o evangelho e administrar suas ordenanças.”

Na quinta Regra de Fé, há uma evidência significativa da verdade do evangelho. Estou interessado na palavra *deve*: “Cremos que um homem *deve* ser chamado por Deus.” Como vocês sabem, nós

geralmente não usamos essa palavra na Igreja. Duvido que algum presidente de estaca tenha jamais recebido uma diretiva dos Irmãos, dizendo: "Pela presente ordenamos que seja feito assim ou assim." Pelo contrário, o espírito da comunicação seria: "Após consideração do assunto, sugere-se que..." o que, naturalmente, por interpretação, significa...

Infelizmente, lemos aquilo como está escrito, mas muitos de nós como se lessemos algo assim:

"Cremos que em algumas circunstâncias, não sempre, talvez inadvertidamente, pode haver alguma inspiração com referência ao chamado de alguns homens

Onde Começa a Lealdade

Se você não for leal nas coisas pequenas, não o será nas coisas grandes. Se não aceitar os cargos considerados insignificantes e triviais, que precisam ser ocupados na Igreja e no reino, não haverá oportunidade de serviço nos cargos de maior desafio.

Um homem que diz apoiar o Presidente da Igreja ou as Autoridades Gerais, mas que não apóia seu próprio bispo, está enganando a si mesmo.

O homem que não apóia o bispo de sua ala, e o presidente de sua estaca, não apoiará o Presidente da Igreja.

Peço-vos que domineis, por um momento, a tendência de ignorar os conselhos, e que assumais um pouco da atitude apostólica, fazendo a vós mesmos a pergunta: "Preciso melhorar?... esse alguém sou eu, Senhor?"

para os cargos, possivelmente, talvez, para os cargos mais altos da Igreja, mas, comumente, é o processo natural do raciocínio que leva à designação dos oficiais da Igreja."

Esta posição parece vigorar no pensamento daqueles que estão procurando fraquezas, quando vêem que os líderes da Igreja são pessoas humanas — bispos, presidentes de estaca e Autoridades Gerais. Essas pessoas às vezes notam ocasionais demonstrações de liderança inadequada, e agarram-se a isso como evidência de que o elemento humano predomina.

Outros, entre nós, estão prontos a apoiar parte da liderança da Igreja, e questionam e criticam a outra parte.

Já aprendi, por experiência, que as pessoas que vêm a nós, a fim de pedir conselho, dizendo que não podem confiar em seu bispo, não estão desejosas de aceitar conselhos dele. Não estão desejosas e não estão aptas a aceitar conselho das Autoridades Gerais. Na verdade, a inspiração do Senhor virá ao bispo, e ele poderá aconselhá-las de maneira correta.

Oh, que sentimento de frustração nós temos, irmãos e irmãs, quando alguns membros da Igreja nos procuram pedindo conselhos. Podemos receber uma impressão — que podeis chamar de inspiração, se o desejardes — sobre o que eles devem fazer. Eles ouvem, e então nós os vemos voltar as costas para esse conselho, em favor de algum desejo próprio que, certamente, irá desviá-los.

Alguns de nós somos muito ciumentos de nossas prerrogativas e sentimos que a obediência à autoridade do sacerdócio significa perda do livre arbítrio. Se pudéssemos compreender, meus irmãos e irmãs, que é através da obediência que alcançamos a liberdade!

O Senhor disse: “Se vós permanecerdes em minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos;

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:31-32.)

A Experiência do Dr. Maeser

Não é fácil ser sempre receptivo à autoridade do sacerdócio. Citarei a experiência do fundador da Universidade de Brigham Young, Dr. Karl G. Maeser. Ele tinha sido diretor de uma escola em Dresden, na Alemanha — um homem distinto, de alta posição social. Em 1856, Irmão Maeser e a esposa, com o filho pequeno, em companhia do Irmão Schoenfeld e vários outros conversos, partiram da Alemanha em direção a Sião.

Quando chegaram à Inglaterra, Irmão Maeser ficou surpreso com um chamado para fazer missão naquele país. Muito desapontadas, as duas famílias se separaram e os Schoenfeld seguiram para a América. Enquanto a família Maeser esteve na Inglaterra, cumprindo o chamado das Autoridades Gerais, o orgulhoso professor precisou realizar, muitas vezes, tarefas que considerava humilhantes, coisa que jamais ocorrera antes.

Entre os alemães mais categorizados, um homem da posição do Irmão Maeser jamais deveria ser visto nas ruas carregando pacotes, mas quando os élderes iam indo para o trem, disseram-lhe que se ocupasse de sua própria bagagem. O Irmão Maeser andou pelo quarto, com o orgulho profundamente ferido. A idéia de carregar as malas era-lhe quase insuportável, e sua esposa também estava terrivelmente humilhada e aborrecida, por pensar que ele teria que fazer aquilo.

Finalmente, ele disse: “Bem, eles têm o sacerdócio; eles me disseram que fosse, e eu irei.” Dominou o orgulho e carregou as malas.

Quero dizer, contudo, que isto não significa que ele abriu mão de seu livre arbítrio. O Irmão Maeser, a despeito de sua obediência, expressava seus sentimentos com muito vigor. Ilustrarei com outro incidente.

Durante seu trabalho na Inglaterra, conheceu um homem rico e educado, que ficou muito interessado e impressionado com ele, e que o convidou a levar alguns missionários para jantar consigo no hotel. Os modos dos élderes, à mesa, foram tão desagradáveis para o Irmão Maeser, que ele disse mais tarde: “Enfrentarei a pobreza, sofrerei perseguição e irei para o inferno com os élderes, mas jamais jantarei com eles novamente.”

O Manto da Autoridade

Gostaria de que pudésseis acompanhar as Autoridades Gerais alguma vez, na designação para reorganizar uma estaca. Tenho tido a experiência, em muitas ocasiões, de ajudar nessas reorganizações. Nunca deixou de ser uma experiência notável. Algum tempo atrás, certa noite de domingo, retornando da reorganização de uma estaca com o Élder Marion G. Romney, rodávamos em silêncio, quando ele disse: “Boyd, este evangelho é verdadeiro!” (Comentário óbvio, vindo de um membro dos Doze.) E depois, acrescentou: “Você não poderia passar pelo que passamos nas últimas quarenta e oito horas sem saber disso com certeza.”

Repassei então, mentalmente, os acontecimentos das últimas horas; as entrevistas que tivéramos, as decisões tomadas. Havíamos entrevistado a liderança do sacerdócio da estaca e solicitado a cada um deles que fizesse sugestões com referência a um novo presidente de estaca. Virtualmente todos mencionaram a mesma pessoa. Indicaram-no como sendo o homem ideal para presidente da estaca, tendo a devida experiência, uma ótima família, sensível e firme, digno em todos os aspectos. Quase ao fim de nossas entrevistas, quando faltavam apenas dois ou três, entrevistamos esse homem e descobrimos que estava à altura de todas as estimativas a seu respeito feitas durante o dia. Quando ele deixou a sala, no final da entrevista, Irmão Romney disse: “Bem, o que acha?”

Respondi que, a meu ver, ainda não encontráramos o novo presidente.

Isto confirmou a impressão do Irmão Romney, que disse: “Talvez devamos trazer mais alguns homens aqui. Pode ser que o novo presidente não esteja entre a atual liderança do sacerdócio da estaca.” Depois disse: “E se entrevistarmos os poucos que restam, antes de fazermos isso?”

Houve outra entrevista, tão normal quanto todas as outras durante aquele dia — as mesmas perguntas, mesmas respostas — mas ao final dela, o Irmão Romney disse: “Bem, e agora como se sente?”

“No que me diz respeito”, disse eu, “podemos parar de entrevistar”. Novamente isto foi confirmado pelo Irmão Romney, porquanto surgira a impressão de que este era o homem escolhido pelo Senhor para presidir a estaca.

Agora, como o soubemos? Por que soubemos ambos — juntos, imediatamente, sem sombra de dúvida? Na realidade, nossa designação não era escolher um presidente de estaca, mas em lugar disso, descobrir o homem que o Senhor escolhera. O Senhor fala de uma forma inconfundível. *Os homens são chamados por profecia.*

O Teste da Devoção

É pela maneira como respondemos aos chamados, que mostramos a medida de nossa devoção.

A fé possuída pelos membros da Igreja nos primeiros tempos foi testada muitas e muitas vezes. Num relatório de conferência, de 1856, encontramos o seguinte. Heber C. Kimball, conselheiro da Primeira Presidência, é quem fala:

“Apresentarei a esta congregação os nomes daqueles que selecionamos para saírem em missão. Alguns foram designados para ir para a Europa, Austrália e Índias Orientais. E outros serão mandados para Las Vegas, Nevada, para o norte e para Fort Supply, a fim de fortalecer as colônias lá.”

Tais anúncios geralmente chegavam como uma surpresa total para os membros da Igreja que estavam sentados entre a audiência. Por causa de sua fé, creio que a única pergunta que eles tinham na mente, em resposta a tais chamados, era: “Quando?” “Quando irei?” Tenho quase certeza de que, se o mesmo chamado fosse feito hoje, a reação de muitos dentre nós seria, não “Quando?” mas “Por quê?” “Por que devo ir?”

Certa ocasião, eu estava no escritório do Presidente Henry D. Moyle, quando foi completada uma ligação que ele pedira antes. Após cumprimentar o interlocutor, ele disse: “Gostaria de saber se seus negócios vão trazê-lo a Lago Salgado, num futuro próximo? Gostaria de conversar com você e sua esposa, pois tenho um assunto de importância que gostaria de discutir com vocês.”

Embora estivesse a muitos quilômetros de distância, aquele homem subitamente descobriu que seus negócios o levariam à Cidade do Lago Salgado na manhã seguinte. Eu estava no mesmo escritório, no dia seguinte, quando o Presidente Moyle anunciou a esse homem que ele tinha sido chamado para presidir uma das missões da Igreja. “Bem, disse ele, não queremos apressá-lo a tomar esta decisão. Você poderá telefonar-me dentro de um dia ou dois, assim que tiver certeza de seus sentimentos a respeito deste chamado?”

O homem olhou para a esposa e ela para ele, e sem que uma só palavra fosse dita, travou-se uma conversa silenciosa entre marido e mulher, e trocaram um sinal de assentimento quase imperceptível. Ele voltou-se para o Presidente Moyle e disse: “Bem, Presidente, o que há para dizer? O que poderíamos dizer-lhe dentro de alguns dias, que não possamos dizer-lhe agora? Fomos chamados. Que resposta poderíamos dar? Naturalmente, aceitaremos o chamado.”

O Presidente Moyle disse, suavemente: “Se é isso que vocês sentem, realmente temos alguma urgência neste assunto. Será que vocês poderiam preparar-se para partir, de navio, da costa oeste, no dia 13 de março?”

O homem engoliu em seco, pois isso seria dali a onze dias. Olhou para a mu-

lher. Houve outra conversa silenciosa, e ele respondeu: "Sim, Presidente, estaremos preparados."

"E seus negócios?" perguntou o Presidente. "E o seu silo? É o seu gado? E o resto de suas coisas?"

"Não sei", disse o homem, "mas daremos um jeito. Tudo dará certo."

Esse é o grande milagre que vemos repetido todos os dias, entre os fiéis. Mas ainda existem muitos entre nós que não têm fé para atender aos chamados, ou para apoiar aqueles que são chamados.

Examinai Vossa Alma

Há coisas específicas que podeis fazer. Examinai vossa alma. Como considerais a liderança da Igreja? Apoiáis vosso bispo? O presidente de vossa estaca e as Autoridades Gerais da Igreja? Ou estais entre os neutros, ou os críticos, que falam mal ou recusam os chamados? É melhor perguntardes: "Porventura sou eu, Senhor?"

Evitai criticar aqueles que servem em chamados de responsabilidade. Sede leais. Cultivai a disposição de apoiar e de abençoar. Orai. Orai continuamente por vossos líderes.

Nunca digais "não" a uma oportunidade de servir na Igreja. Se fordes chamado para uma designação por alguém que possua autoridade, existe apenas uma resposta. Espera-se, naturalmente, que expliqueis claramente vossas circunstâncias, mas qualquer chamado vindo de vosso bispo ou presidente de estaca é um chamado que vem do Senhor. Uma de nossas Regras de Fé dá essa definição, e presto testemunho de que isto é verdade.

Uma vez chamados para tais posições, não presumais que podeis determinar a data de vossa desobrigação. Uma desobrigação é, com efeito, outro chamado. Os homens não chamam a si próprios para ocupar cargos na Igreja. Por que presumimos que temos a autoridade para desobrigar-nos? Uma desobrigação deve ser feita pela mesma autoridade que fez o chamado.

Agi com toda diligência no ofício para o qual fordes escolhidos. Não sejais ser-

vos omissos. Sede pontuais, responsáveis e fiéis.

Tendes o direito de saber aquilo que concerne ao vosso chamado. Sede humildes, reverentes e fervorosos a respeito das responsabilidades colocadas sobre vossos ombros. Segui os padrões de dignidade, de maneira que o Senhor possa comunicar-se convosco a respeito das responsabilidades que são vossas no chamado que aceitastes.

O Senhor disse: "Portanto, erguei os vossos corações e rejubilai, cingi os vossos lombos e tomai sobre vós toda a minha armadura, para que possais resistir ao mau dia, e, tendo feito tudo, possais permanecer firmes.

Permanecei firmes, portanto, tendo os vossos lombos cingidos com a verdade, vestida a couraça da retidão e calçados

Bem, Presidente, o que há para dizer? O que poderíamos dizer-lhe dentro de alguns dias, que não possamos dizer-lhe agora? Fomos chamados. Que resposta poderíamos dar? Naturalmente, aceitaremos o chamado. Esse é o grande milagre que vemos repetido todos os dias, entre os fiéis.

os vossos pés com a preparação do evangelho da paz que, para vo-lo confiar, enviei os meus anjos;

Tomando o escudo da fé com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno;

Tomai o capacete de salvação e a espada do meu Espírito, o qual derramarei sobre vós, e a minha palavra, como eu vo-la revelo, e estai de acordo uns com os outros no tocante a todas as coisas que de mim pedirdes, seja o que for, e

sede fiéis até que eu venha, e sereis arrebatados para cima, para que, onde eu esteja, possais vós também estar.” (D&C 27:15-18.)

Para terminar, digo novamente: SEGUI OS IRMÃOS. Dentro de alguns dias, dar-se-á início a outra conferência geral da Igreja. Os servos do Senhor nos aconselharão. Podereis ouvir atentamente, com os ouvidos e o coração, ou ignorar tais conselhos. Como nestes devocionais, o proveito que tirardes não dependerá tanto da preparação das mensagens por parte deles, mas sim de estardes aptos para ouvi-las.

Lembrai-vos de Doutrina e Convênios 1:38: “O que Eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus, e a terra, minha palavra não pasará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa.”

Voltando a Karl G. Maeser, certa ocasião ele estava guiando um grupo de jovens missionários através dos Alpes. Quando estavam subindo, vagarosamente, uma forte inclinação, ele olhou para

trás e viu uma fileira de bastões enfiados na neve, para marcar o único caminho seguro através das montanhas traiçoeiras.

Algo a respeito daqueles bastões o impressionou, e detendo o grupo de missionários, apontou para eles e disse: “Irmãos, aqueles bastões representam o sacerdócio. São bastões comuns, como o resto de nós — alguns deles podem parecer até um pouco tortos, mas a posição que ocupam faz deles o que são. Se nos afastarmos do caminho que indicam, estamos perdidos.”

Presto testemunho, meus irmãos e irmãs, amigos estudantes, que nesta Igreja os homens são como na verdade devem ser — chamados por Deus, por profecia. Que possamos aprender esta lição em nossa juventude; ela nos manterá fiéis através de todos os desafios da vida. Que possamos aprender a seguir os irmãos é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. (Boyd K. Packer “Follow the Brethren”, *Speeches of the Year*, Universidade de Brigham Young, 23 de março de 1965, pp. 1-10.)

O SÁBADO

“Morbus Dominica”, ou a doença dominical, é um mal muito comum entre os membros da Igreja. Ele só se manifesta de súbito, no domingo. Não sentem sintomas até sábado à noite. O paciente dorme bem, acorda sentindo-se bem, toma um bom desjejum, mas, quando chega a hora de ir à Igreja, o ataque se inicia e continua até a hora em que as reuniões da manhã terminam. Então, o paciente sente-se melhor e almoça regaladamente. Durante a tarde, ele sente-se melhor ainda, e pode até andar, discutir política e ler o jornal. Janta muito bem, mas, quando chega a hora de ir à Igreja, sofre outro ataque e fica em casa. Descansa bem, dorme tranqüilamente e acorda bem disposto na segunda-feira para ir trabalhar, e não sente nenhum sintoma da doença até o próximo domingo. Os fatores peculiares são os seguintes:

A doença sempre ataca os membros da Igreja. Os sintomas variam, mas nunca interferem com o apetite do doente. A moléstia nunca se manifesta a não ser no domingo. Este tipo de doença também não dura mais que 24 horas, ou até que termine o Dia do Senhor. Nunca é necessário chamar um médico, mas sempre acaba sendo fatal para a alma.

(Extraído do Curso de Estudo do Seminário “Velho Testamento” — Manual do Professor.)

O Total de Horas no Tempo...

Richard L. Evans

Em algo que escreveu, cerca de meio século atrás, Arnold Bennett disse: “Os filósofos explicaram o espaço. Mas não explicaram o tempo. Ele é a inexplicável matéria-prima de tudo. Com ele tudo é possível, sem ele, nada. O suprimento de tempo é verdadeiramente um milagre diário... você acorda pela manhã, e... magicamente sua bolsa tem vinte e quatro horas... É seu. É o mais precioso de todos os bens... E ninguém recebe um empréstimo do futuro... Só pode desperdiçar o momento que está passando. Não pode desperdiçar o amanhã pois está reservado para você. Não pode desperdiçar a próxima hora pois está guardada para você... Você tem que viver nessas vinte e quatro horas diárias do tempo. Daí você tem que produzir a riqueza, o dinheiro, o contentamento, o respeito e a evolução da sua alma imortal. O seu uso correto, o seu uso mais eficaz é uma questão da máxima premência... Tudo depende disso.”

É aconselhável que examinemos seriamente o tempo total existente e o tipo de uso que fazemos de todas

as horas, sempre que tivermos de decidir se temos ou não tempo para alguma coisa que queremos fazer ou algo que não queremos.

Existem 168 horas em toda semana de vida. Tire daí 40 — o que é considerado por muitos como uma semana de trabalho — e sobram 128 horas. Então tire 7, vezes 8 horas, correspondentes aos períodos de sono, são 56. É claro que uns trabalham ou dormem muito mais e outros muito menos — há também muito ir e vir, muita variedade de atividades e obrigações — tudo que diminui a quantidade de horas — mas mesmo assim, 168 menos 40, menos 56, ainda sobram 72 horas por semana para alguma coisa. E quando dividimos nossa vida em trabalho, sono, e outras atividades, faríamos bem se levássemos em consideração a quantidade total de tempo.

Há “um grande fato claramente declarado”, escreveu John Ruskin: “Não há riqueza além da vida” — e nós acrescentaríamos que o tempo é a sua essência à medida que rapidamente nos dirige para a eternidade.

DOIS LÍDERES DA IGREJA CHAMADOS PARA PRESIDENTES DE TEMPLOS



Robert L. Simpson



A. Theodore Tuttle

Os Élderes Theodore A. Tuttle e Robert L. Simpson, ambos Autoridades Gerais da Igreja, foram chamados como presidentes de templo, anunciou a Primeira Presidência no dia 8 de dezembro p.p.

O Élder Tuttle, membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, presidirá o templo de Provo, Utah, enquanto o Élder Simpson, membro do Primeiro Quorum dos Setenta, será presidente do Templo de Los Angeles, na Califórnia.

O Élder Tuttle substituirá o Presidente Orville C. Gunther, e o Élder Simpson ocupará o lugar de Presidente Richard C. Stratford.

Suas esposas, Marne Whitaker Tuttle e Jelaire Chandler Simpson, servirão como superintendentes dos respectivos templos.

O Élder Tuttle, de 60 anos de idade, nascido em Manti, Utah, é um professor e administrador do Sistema Educacional da Igreja. De 1953-58, foi o supervisor dos Seminários e Institutos, trabalhando sob a orientação do escritório de William E. Berrett, vice-presidente da Universidade de Brigham Young, encarregado de educação religiosa.

Em 1959, foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta e em 1976, quando foi organizado o Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Tuttle foi chamado para a presidência. Presidiu as missões da

América do Sul de 1961 a 1965. Mais tarde, serviu como Supervisor de Área residente, da Área dos Andes, supervisionando as missões do Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela.

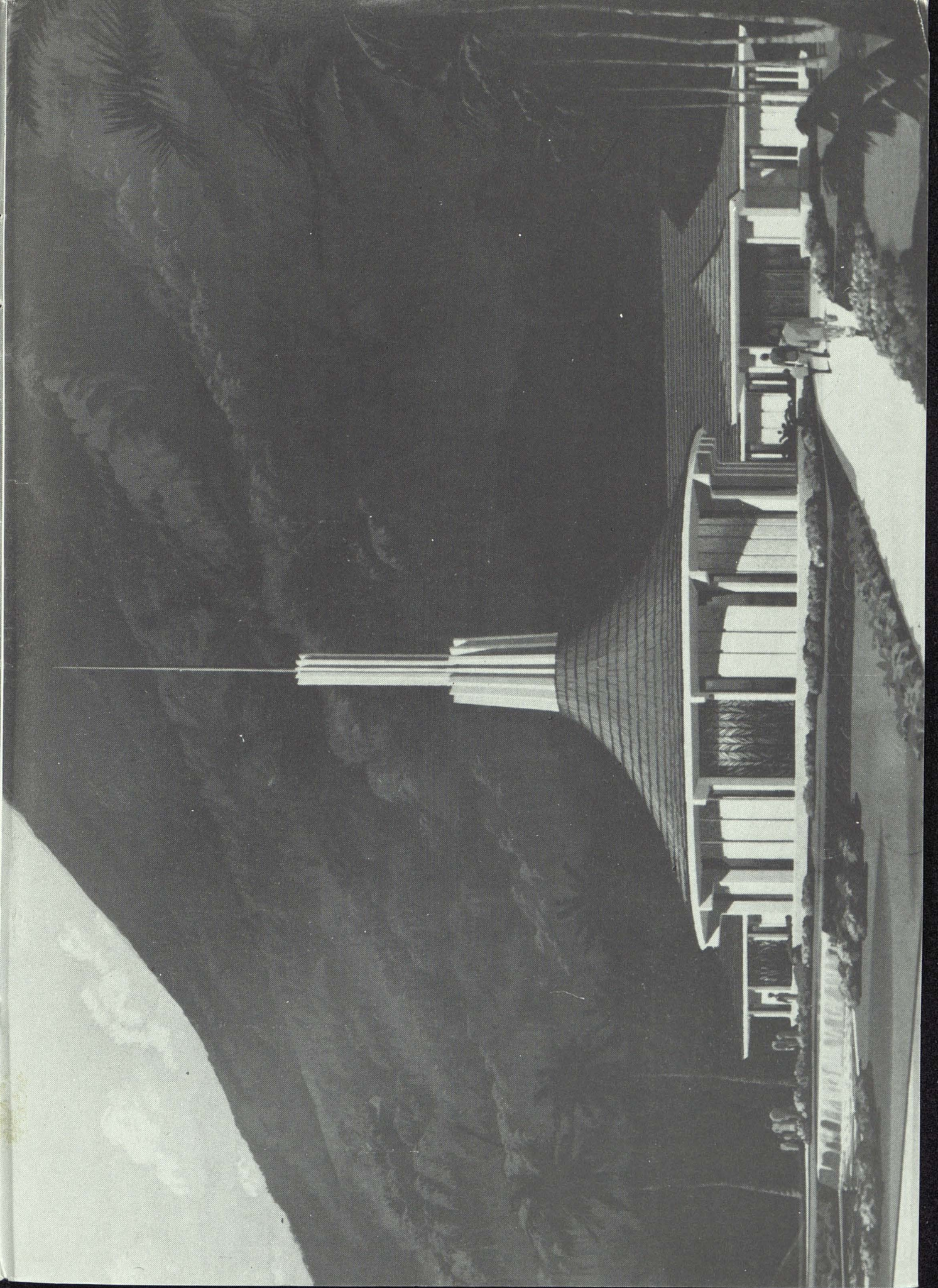
Élder Tuttle é formado pela Universidade de Brigham Young e também pela Universidade de Stanford.

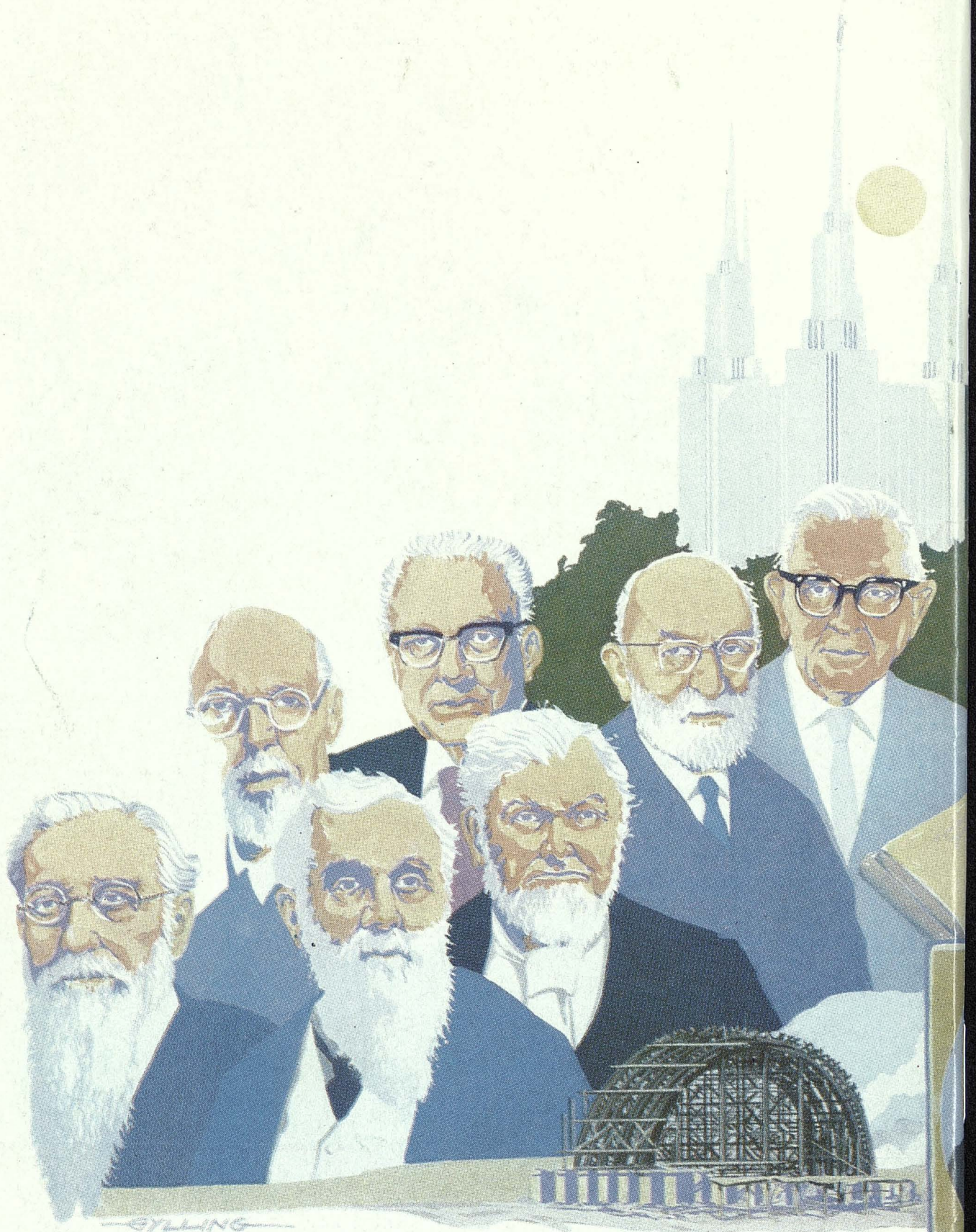
O Élder Simpson, de 64 anos, é Autoridade Geral da Igreja desde 1961, quando foi chamado como primeiro conselheiro no Bispado Presidente. Ali serviu até abril de 1972, quando foi chamado como Assistente do Conselho dos Doze.

Nesse cargo, Élder Simpson tornou-se diretor administrativo do Departamento de Serviços Sociais da Igreja. Em 1976, foi chamado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

Nasceu na Cidade do Lago Salgado e foi criado no sul da Califórnia, onde se formou pela Faculdade da Cidade de Santa Mônica. Depois de servir na Força Aérea dos Estados Unidos da América do Norte, despendeu cerca de 20 anos com a companhia Bell Telephone System, antes de ser chamado para o trabalho de tempo integral na Igreja.

O Élder Simpson presidiu as missões de Nova Zelândia e Londres, e foi supervisor das áreas da Austrália, Nova Zelândia e Sul do Pacífico. Atualmente ele é o Administrador Executivo da Área Central da Cidade do Lago Salgado.





BYLLING